



Boletim Covid-19 IPEDF Codeplan

Sumário

- Dados do Brasil e Comparação entre o DF e outras Unidades da Federação
- Dados do DF
- Dados por sexo e por idade
- Dados no território do DF
- Vacinação no DF e no Brasil
- Mobilidade
- Legado IPEDF Codeplan

As informações deste boletim utilizam como referência os dados disponibilizados até a data da sua divulgação e estão sujeitos a alterações.

A pandemia no Brasil e comparação entre DF e outros estados e DF e outras capitais

- ➔ O Brasil registrou, até o dia 31/10/2022, 34.870.394 casos e 688.205 óbitos. Em termos absolutos, isso coloca o Brasil em 3º de casos e 3º de óbitos, abaixo de países como Estados Unidos e Índia. Em termos proporcionais, o Brasil está próximo, em número de mortes, ao Reino Unido e aos Estados Unidos.
- ➔ Como será visto também para o DF, a Covid-19 se comportou em ondas no Brasil. Marcadamente, se observa uma primeira onda após a chegada da Covid-19 no Brasil, com alto número de óbitos. A segunda onda, apesar de ter cerca de 50% maior média móvel de casos do que a primeira, chegou a um pico de cerca de três vezes o pico da primeira onda.
- ➔ Na terceira onda, quando a vacinação já havia alcançado uma maior parcela da população, se registrou uma média móvel de casos sem precedentes - mais de 180 mil casos diários. Ainda assim, a média móvel de óbitos ficou abaixo da média da primeira onda, resultando em menor letalidade da doença.

Média móvel de casos diários no Brasil

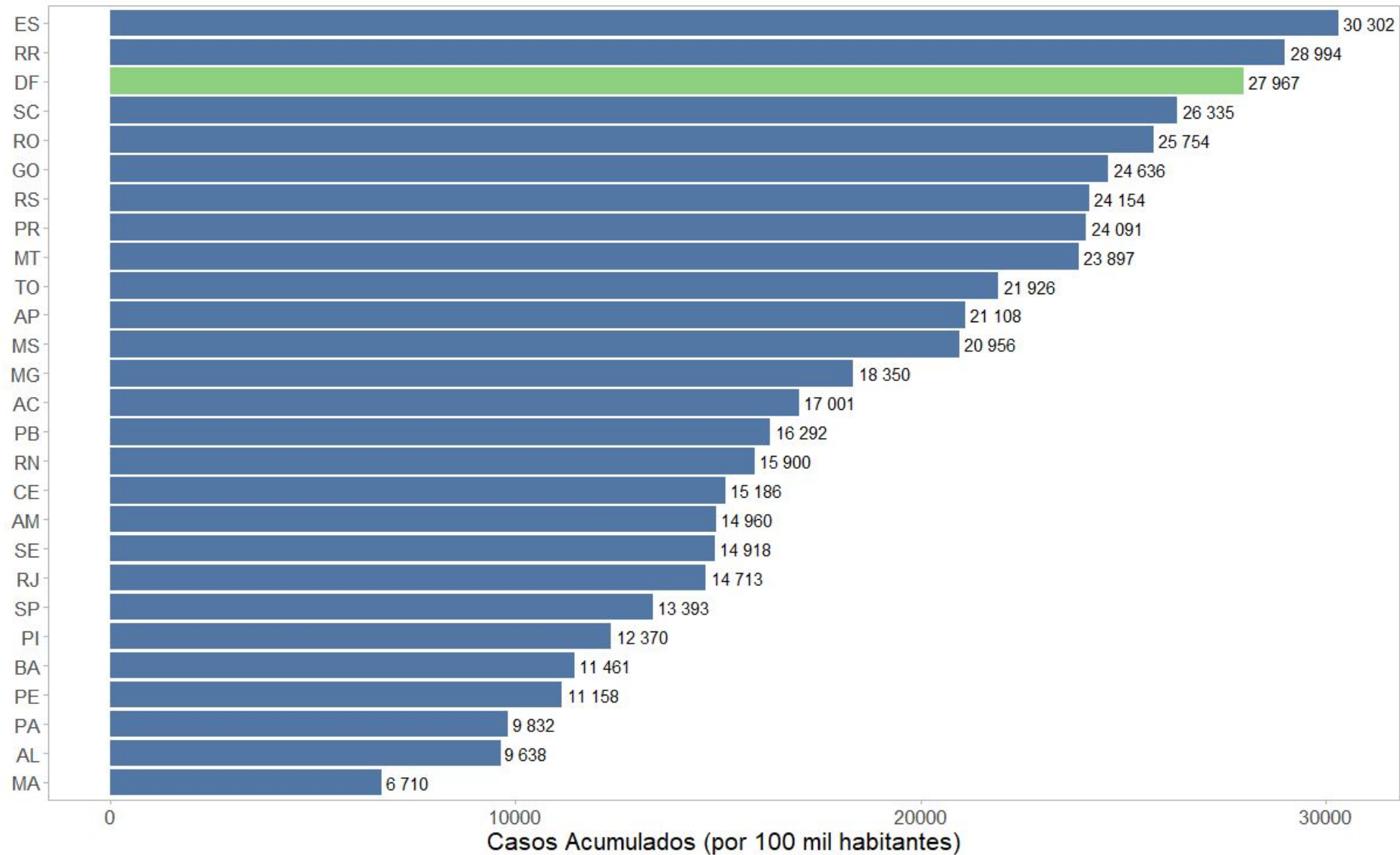


Média móvel de óbitos diários no Brasil

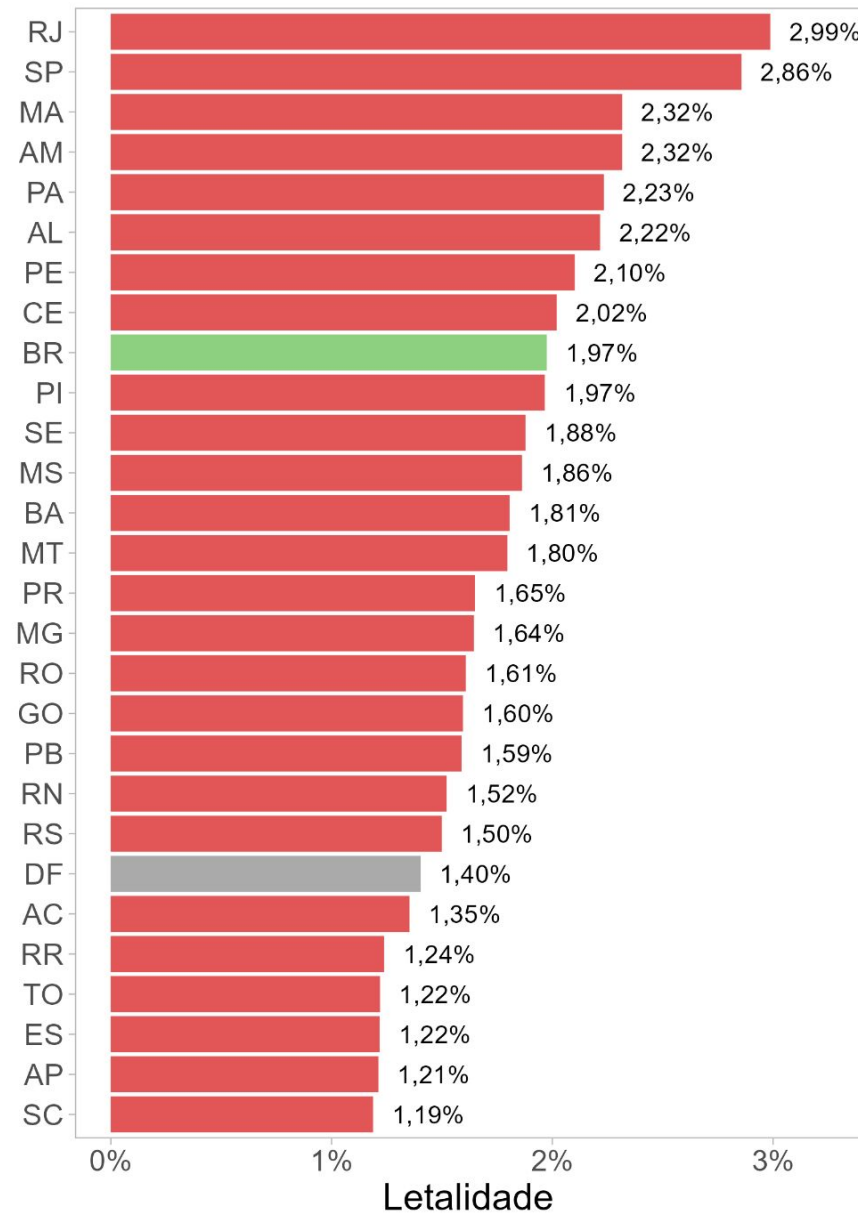
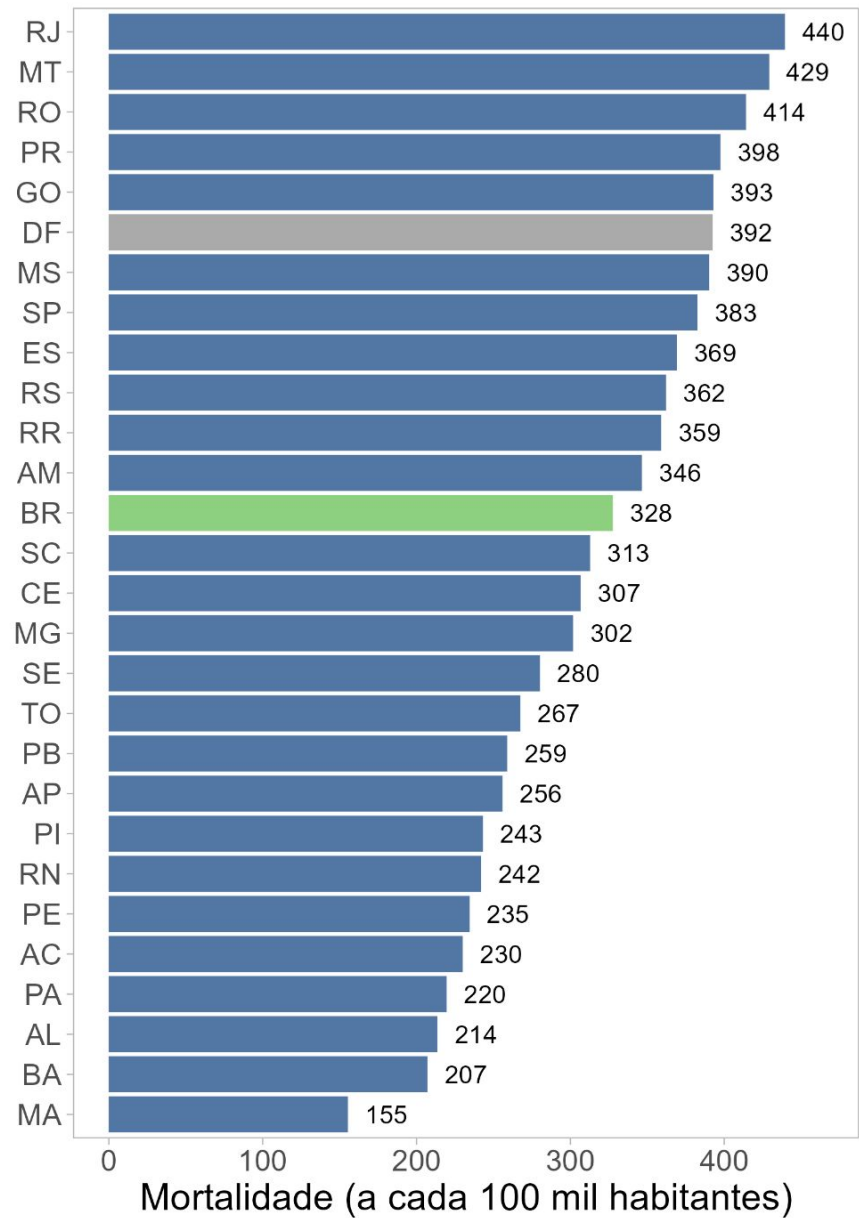


- Em comparação com outras Unidades da Federação, o DF foi o 3º estado com maior número de casos por 100 mil habitantes - 27.967. Apesar disso, os dados de óbito não acompanharam esse número, com o DF tendo um número de óbitos menos que proporcional ao número de casos - 6º em número de óbitos por 100 mil (mortalidade);
- Para fins de comparação, entre março de 2020 e outubro de 2022, o Brasil registrou uma mortalidade de 328 por 100 mil habitantes e uma letalidade de 1,97%;
- O DF, por sua vez, registrou uma mortalidade de 392 a cada 100 mil habitantes (6ª maior entre os estados) e uma letalidade de 1,4% (7ª menor entre os estados).
- Considerando a natureza administrativa e territorial híbrida da Capital Federal, nota-se que a comparação com outras capitais do país é necessária. Assim, Brasília, quando comparada com outras capitais, é a 15ª capital com maior mortalidade e a 5ª com menor letalidade.

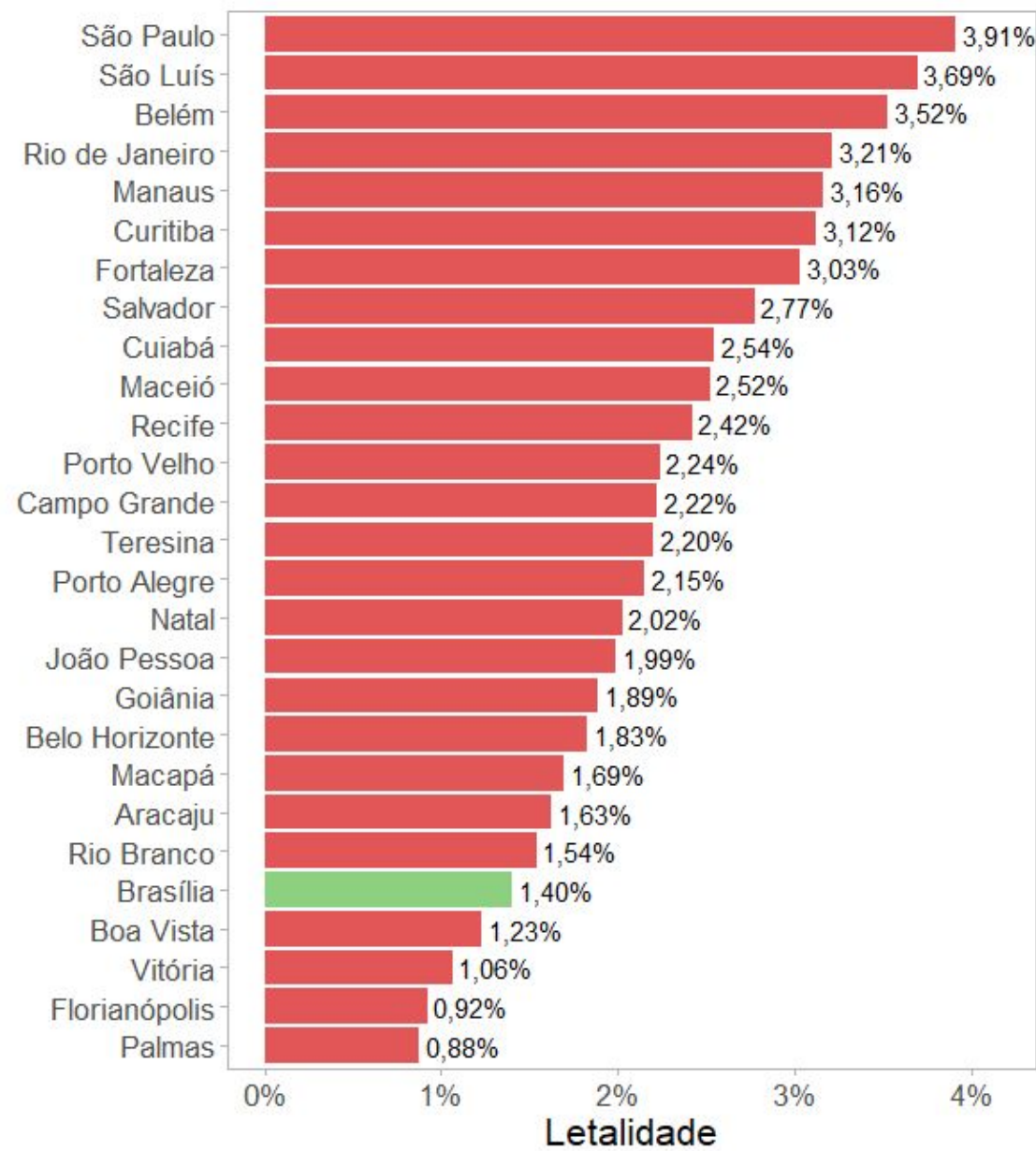
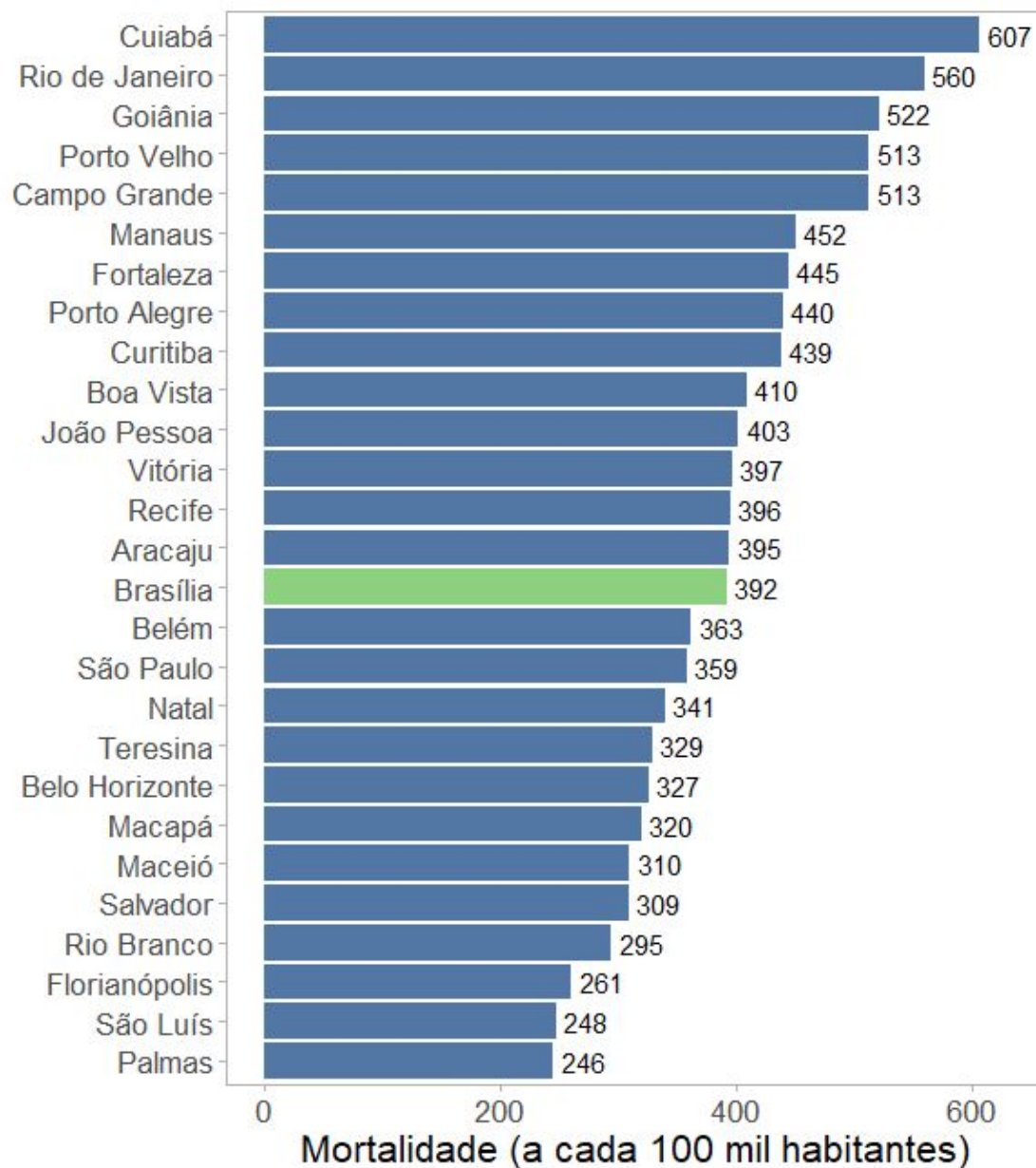
Casos por 100 mil habitantes nas UF's



Coeficiente de Mortalidade e Taxa de Letalidade das Unidades da Federação



Coeficiente de Mortalidade e Taxa de Letalidade das Capitais



Conceituação:

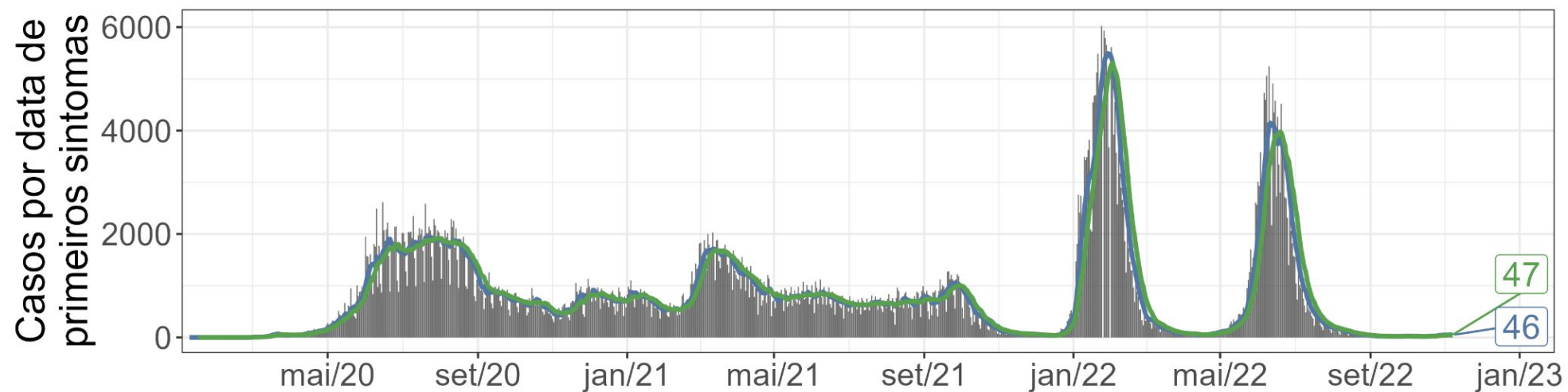
- O coeficiente de mortalidade por COVID-19 é conceituado como o número de óbitos por COVID-19, por 100 mil habitantes, na população residente em determinado espaço geográfico;
- Já a taxa de letalidade dá a noção da gravidade da doença, correspondendo ao número de óbitos confirmados por COVID-19 em relação ao total de casos confirmados, na população residente em determinado espaço geográfico;
- A taxa de letalidade pode ser duplamente afetada pelo problema de subnotificação, tendo em vista que as dificuldades relacionadas à testagem e confirmação do diagnóstico podem afetar tanto o número de casos confirmados quanto o número de óbitos.

Casos no Distrito Federal

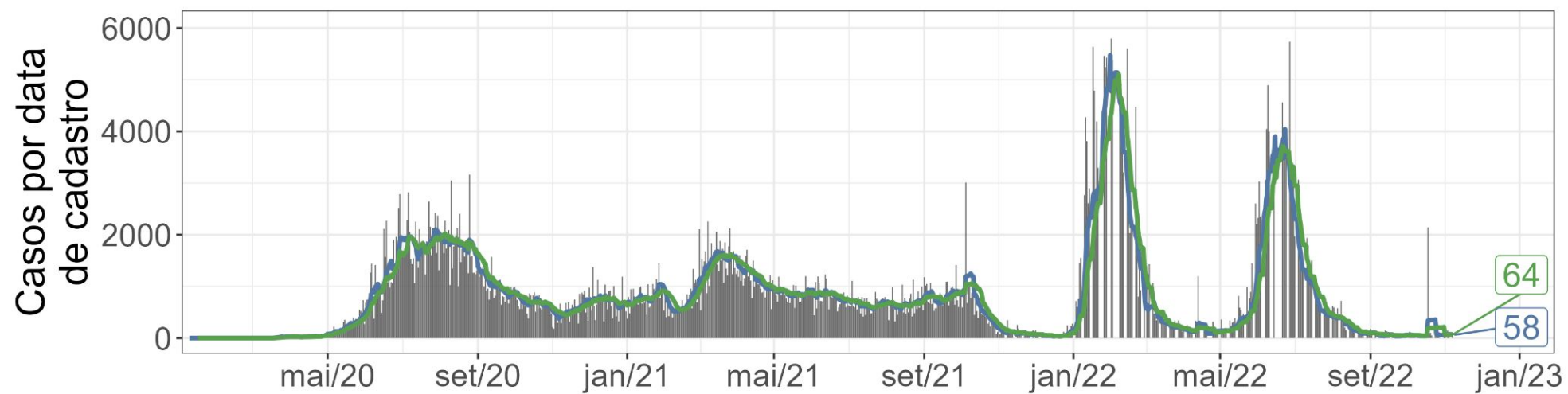
Segundo a Secretaria de Saúde (SES) e a Secretaria de Segurança Pública (SSP) do Distrito Federal:

- ➔ O Distrito Federal registrou 841.904 casos e 11.832 óbitos até o dia 31 de outubro;
- ➔ A tendência de novos casos, capturada pela média móvel de 7 e de 14 dias:
 - Foram de 46 e de 47 novos casos por dia, respectivamente, no dia 31/10/2022; a partir da data de primeiros sintomas;
 - Foram de 58 e de 64 novos casos por dia, respectivamente, no dia 31/10/2022; a partir da data de notificação (cadastro);
- ➔ A tendência de óbitos, capturada pela média móvel de 7 e de 14 dias:
 - Foi de 0 óbitos para ambas as séries no dia 31/10/2022; a partir da data do óbito.
 - Foi de 0 e menor que um óbito por dia, respectivamente, no dia 31/10/2022; a partir da data de notificação.
- ➔ Em termos comparativos, essas médias são expressivamente menores do que em outros momentos da pandemia, como observado nos casos das ondas anteriores - onde se ultrapassou a média móvel de 2.000 casos diários na primeira onda e os 5.000 na terceira - e dos óbitos - em que a média móvel até o final de 2021 permaneceu acima de 10 mesmo fora das ondas.

Média móvel de casos diários no DF

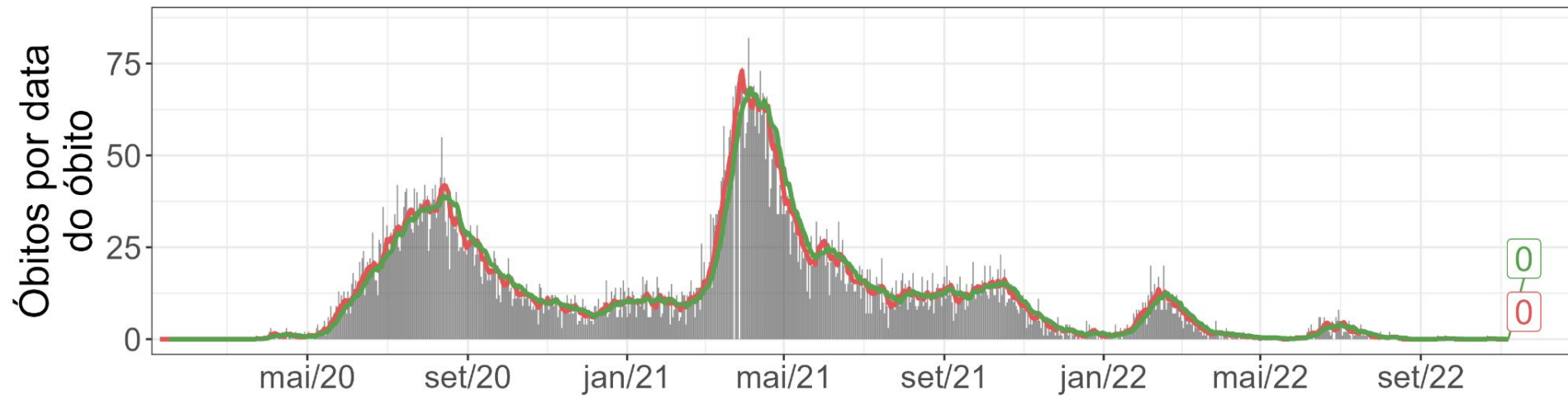


Tipo de média — Média móvel de 7 dias — Média móvel de 14 dias

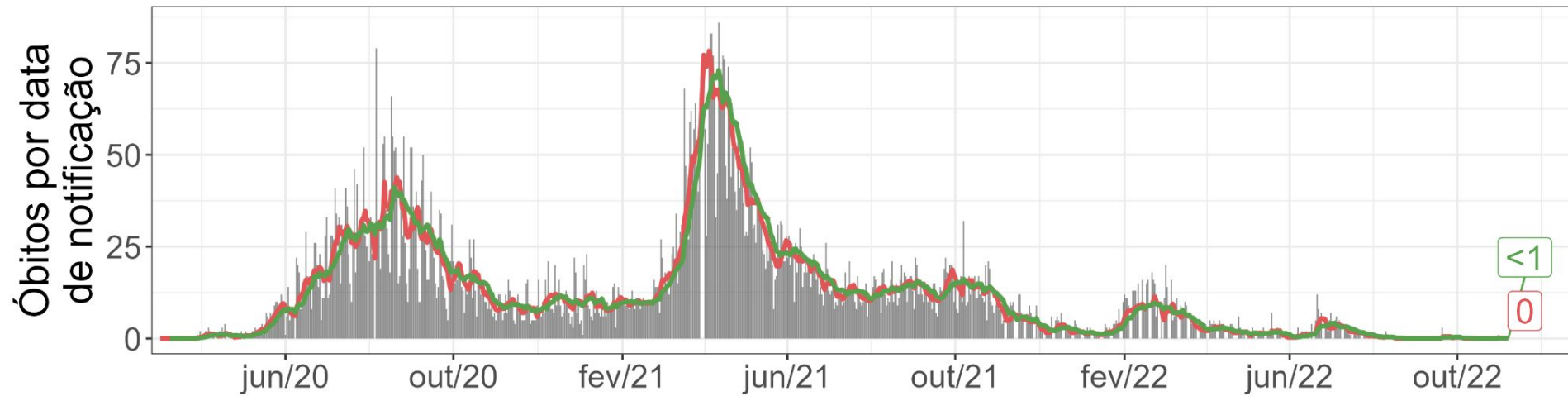


Tipo de média — Média móvel de 7 dias — Média móvel de 14 dias

Média móvel de óbitos diários no DF



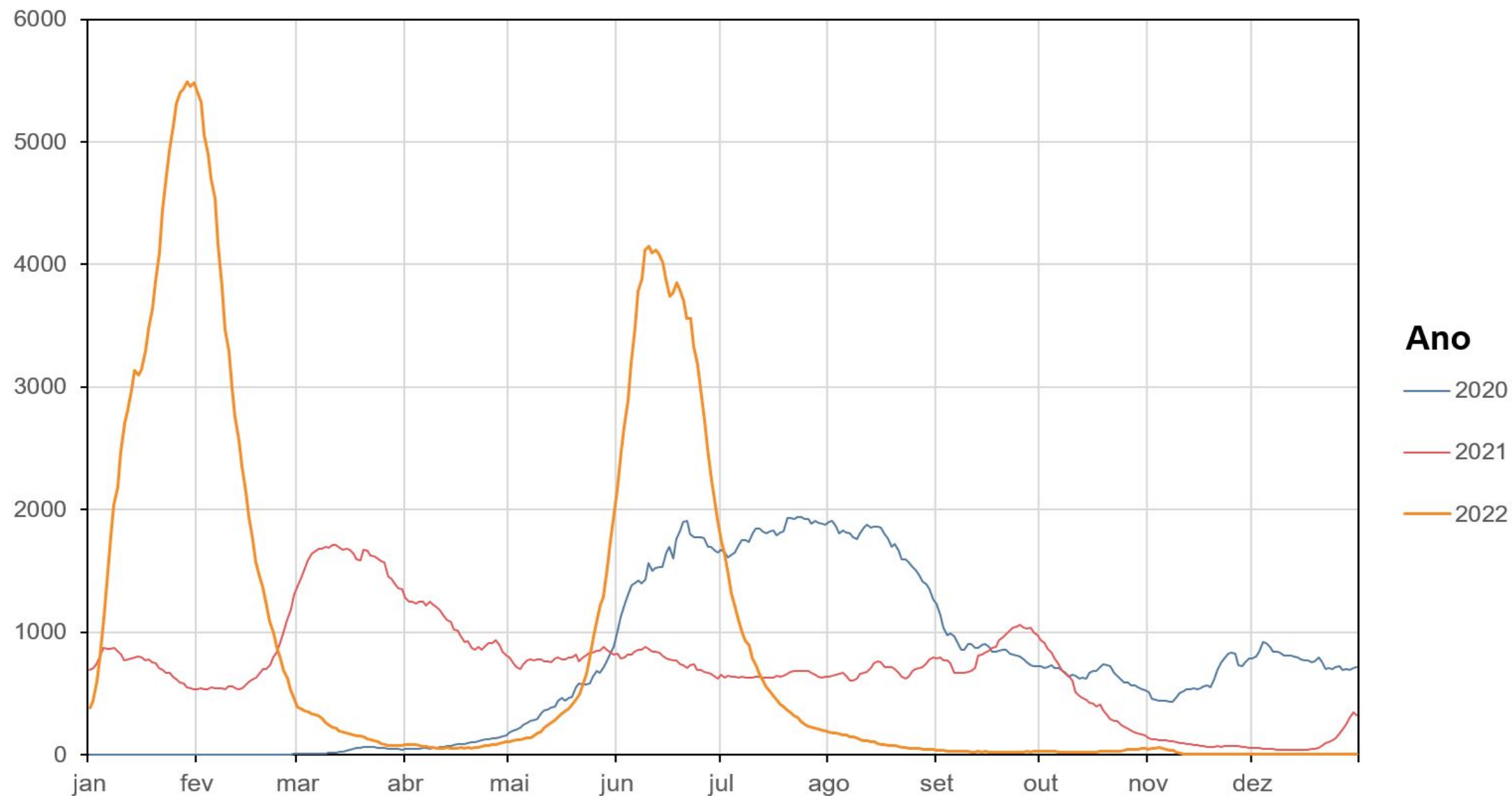
Tipo de média — Média móvel de 7 dias — Média móvel de 14 dias



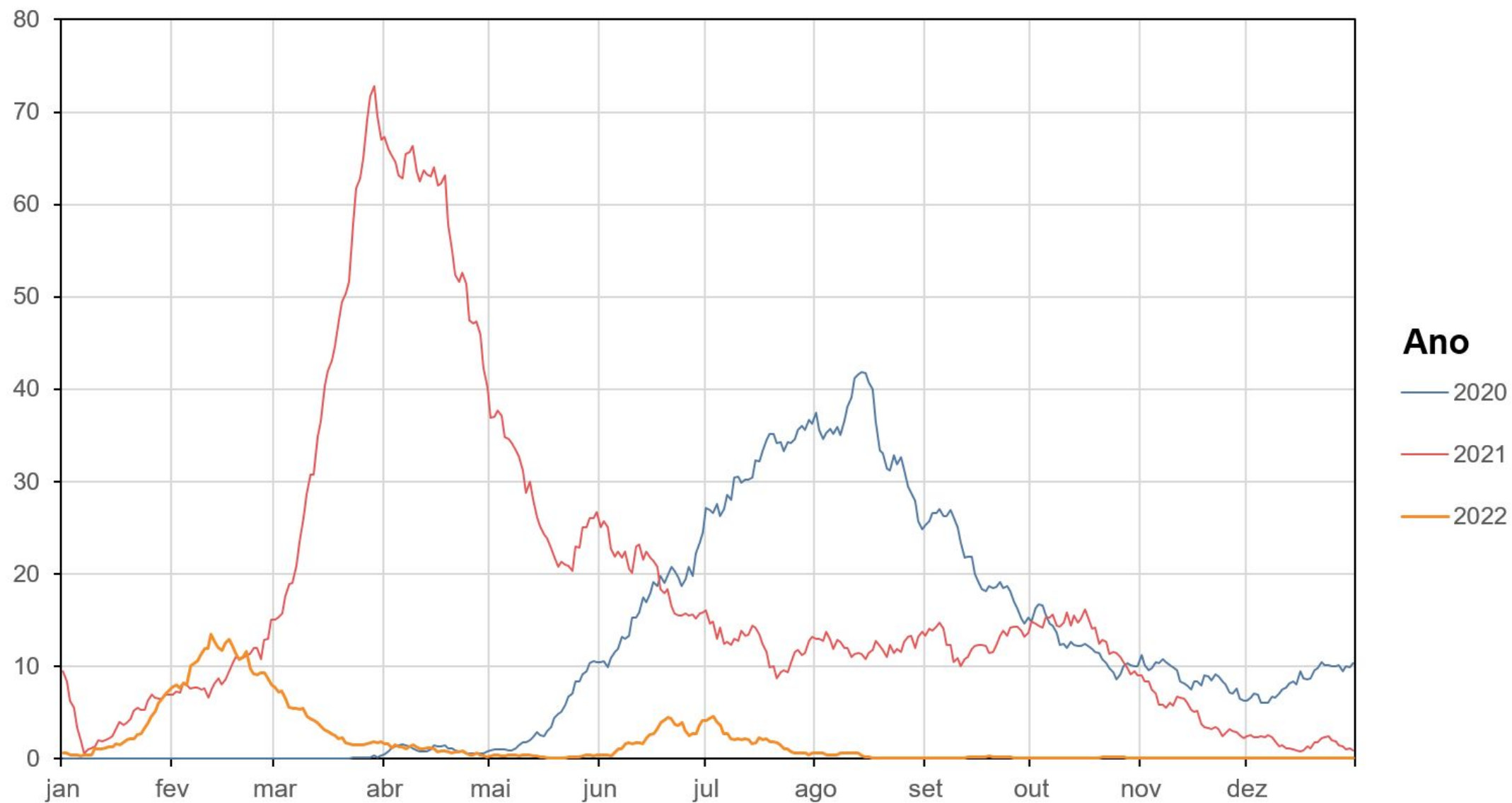
Tipo de média — Média móvel de 7 dias — Média móvel de 14 dias

- Os gráficos das médias móveis revelam o comportamento em ondas da Covid-19. Para fins desta publicação, considerasse a primeira onda como o período compreendido entre maio/2020 e agosto/2020; a segunda onda como o período entre fevereiro/2021 e abril/2021; a terceira onda como o período entre 24/dezembro/2021 e 15/março/2022. Nota-se que o período entre junho/2022 e agosto/2022 também foi um de forte expansão da pandemia.
- Os gráficos dos slides 17 e 18 mostram como a evolução da pandemia se deu em diferentes meses do ano. Destaca-se que a primeira onda foi caracterizada por casos e óbitos crescendo de forma concomitante, resultando em uma letalidade de 1,6%. A segunda onda, por outro lado, revelou um número de óbitos mais do que proporcional ao número de casos - uma letalidade de 3,2%. A terceira onda, por fim, apresentou um número de casos muito superior ao de óbitos, resultando em uma letalidade de 0,25%.

Casos diários por ano

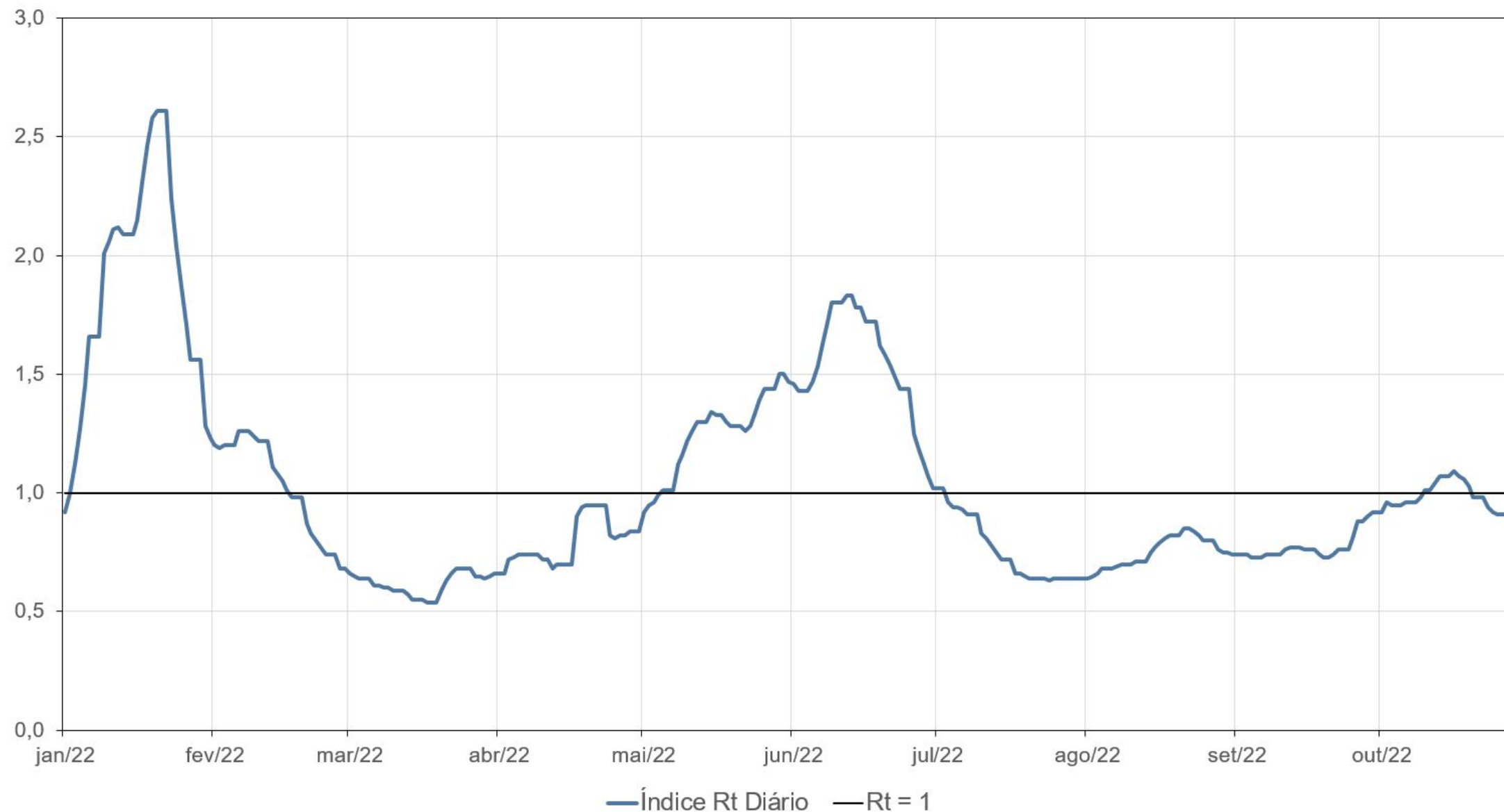


Óbitos diários por ano

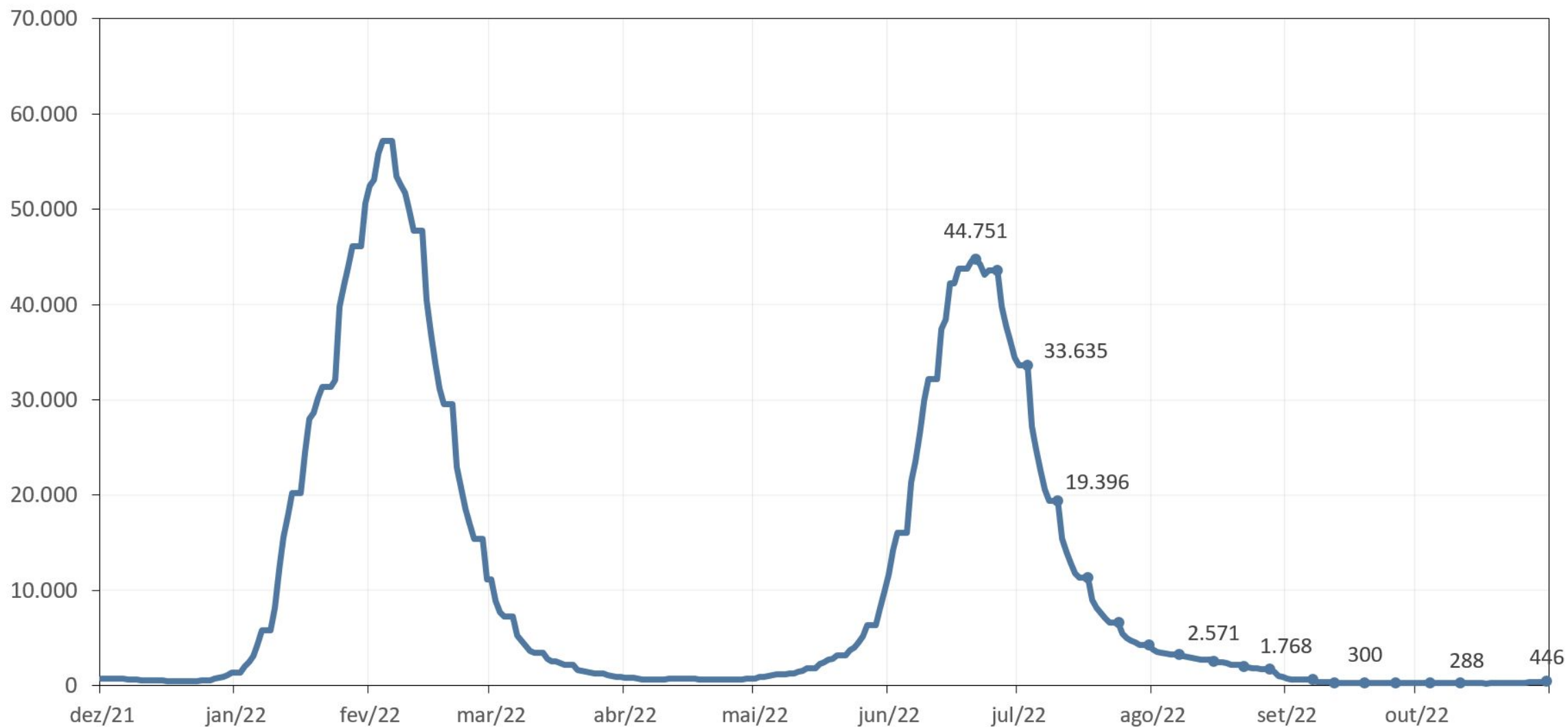


- Duas medidas são centrais para a definição das ondas de Covid-19. A primeira é a taxa de transmissão (R_t), que representa o número médio de infecções secundárias que um indivíduo infectado (ou seja, que transmite a doença) em um determinado tempo(t) é capaz de gerar. A segunda é o número de casos ativos, que indica o número de casos em um determinado momento que ainda não evoluíram para cura ou para óbito.
- Analisando os dados em 2022, nota-se que o R_t ultrapassou a marca de 1 (o que significa avanço da pandemia) entre janeiro e fevereiro e entre maio e julho. Há um pequeno período de avanço em outubro que não evoluiu em uma nova onda.
- Nesses mesmos períodos, se observou um aumento de casos ativos. Mais recentemente, os casos ativos atingiram 44.751 pessoas. Em 31/10, esse número estava em 446, o que significa arrefecimento da pandemia.

Rt calculado pela SES-DF - 2022 (31/10)



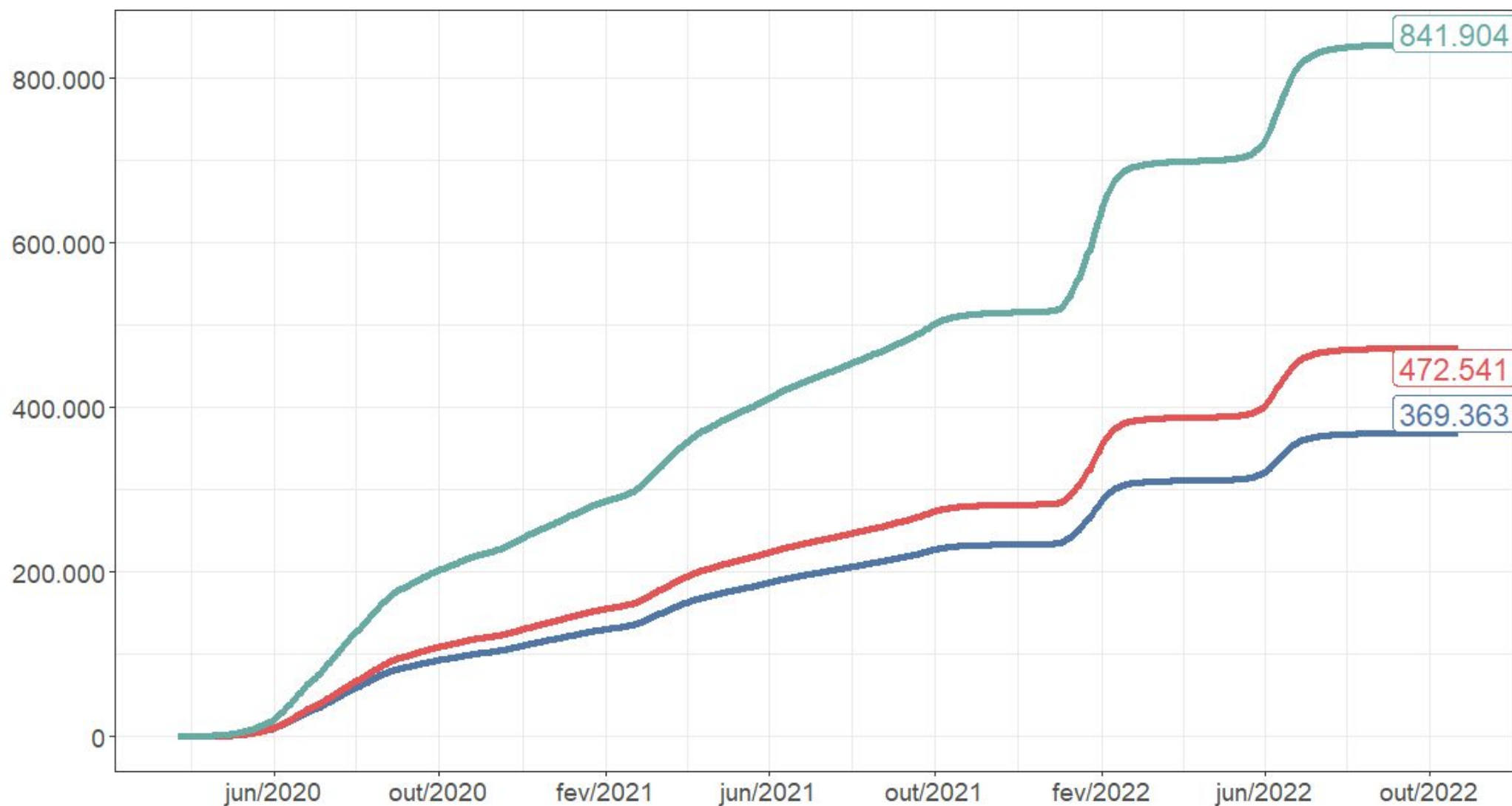
Casos Ativos - Período Atual (até 31/10)



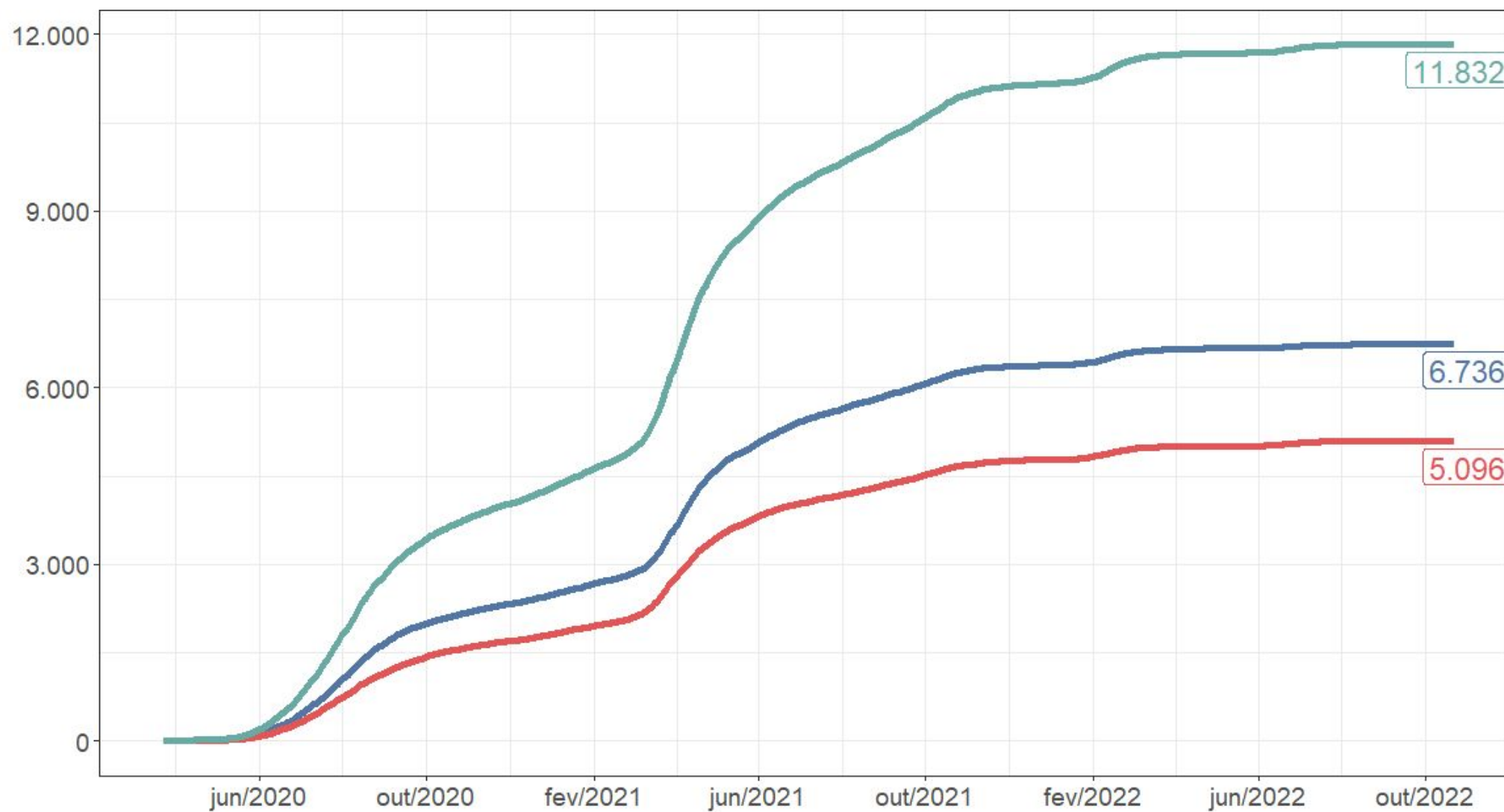
Casos por sexo e por idade

- Entre os 841.904 casos registrados no DF desde o início da pandemia, observa-se que 472.541 mil foram em mulheres (56,1%) e 369.363 (43,9%) em homens.
- Mesmo que mais casos - tanto em termos absolutos como em proporcionais - tenham sido entre mulheres, destaca-se que entre os 11.832 óbitos registrados, 5.096 (43,1%) foram entre mulheres e 6.736 (56,9%) entre homens;
- As distribuições etárias populacional, de casos e de óbitos para o DF mostram, ainda, como a pandemia afetou diferentes grupos de forma heterogênea. Pela distribuição etária de casos, nota-se uma concentração nos grupos entre 25 e 49 anos, com um número maior de mulheres infectadas. Ainda assim, os óbitos afetaram mais as populações acima de 60 anos, sobretudo as populações masculinas.

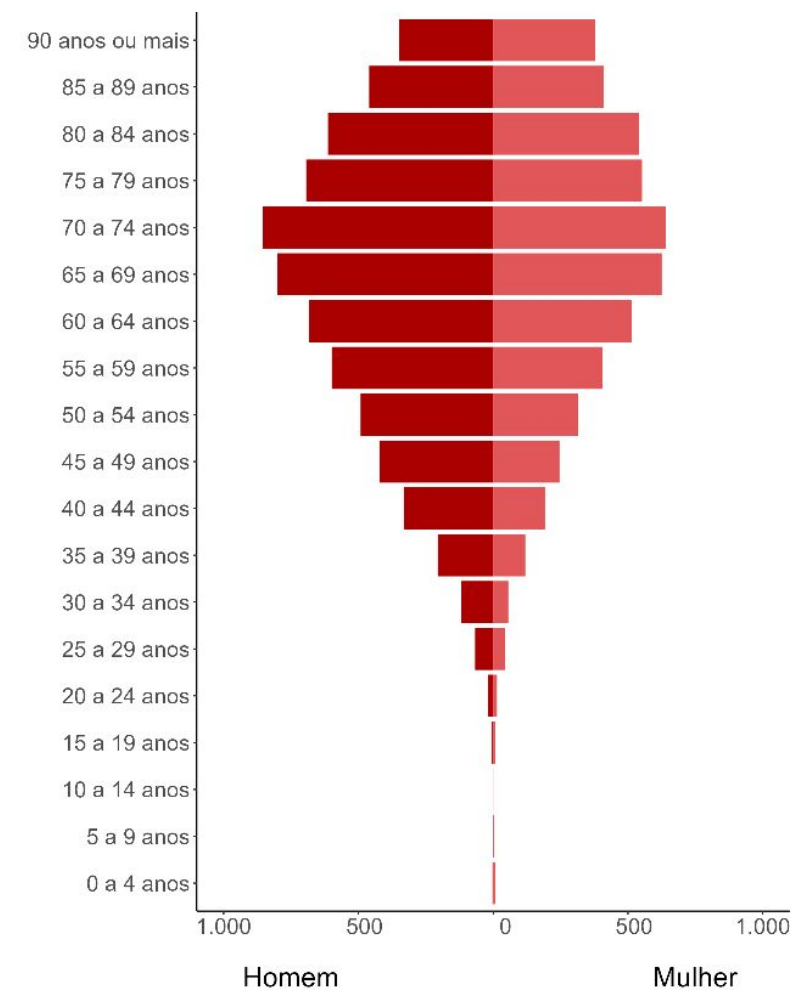
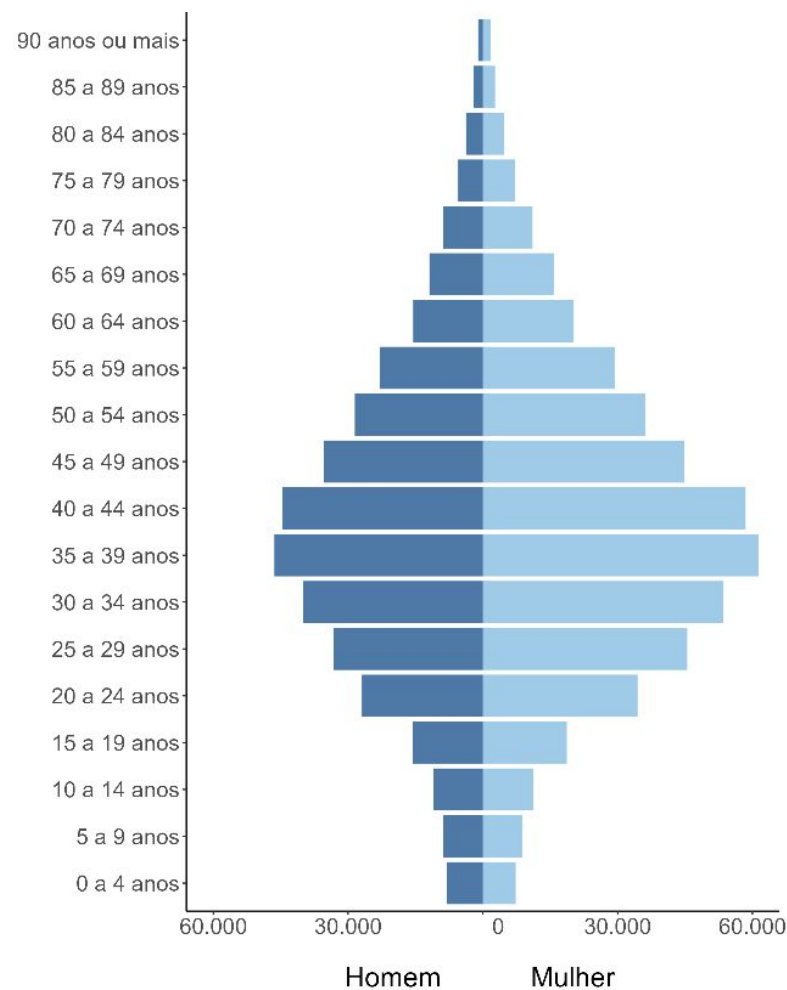
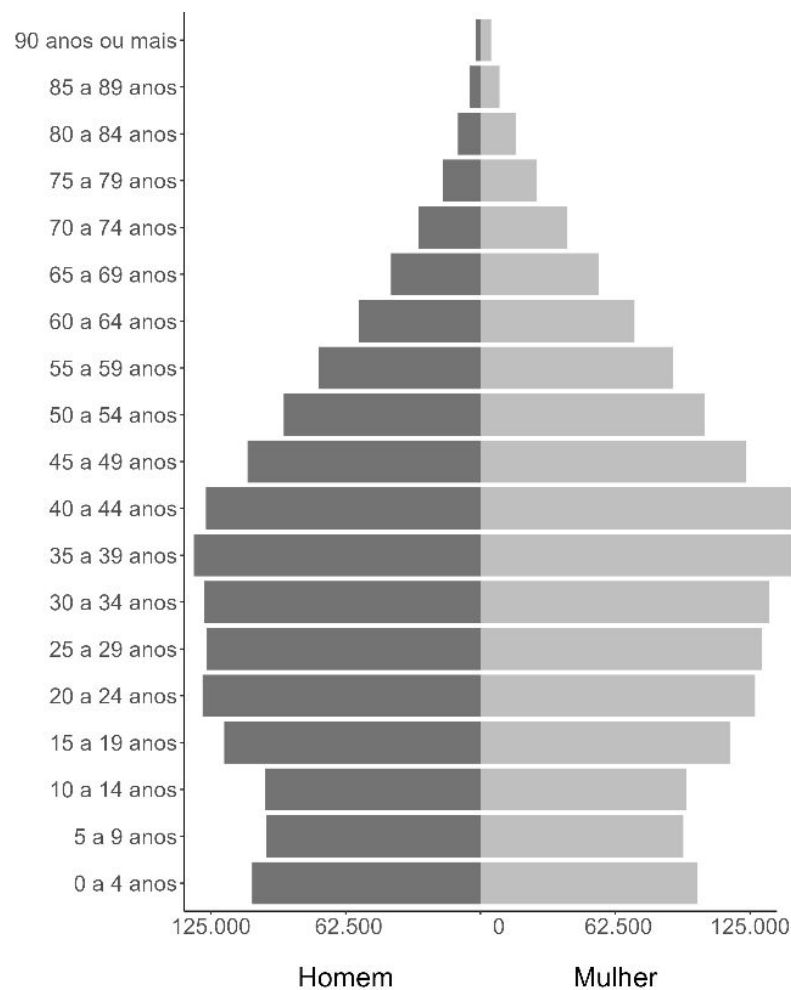
Casos acumulados por sexo



Óbitos acumulados por sexo

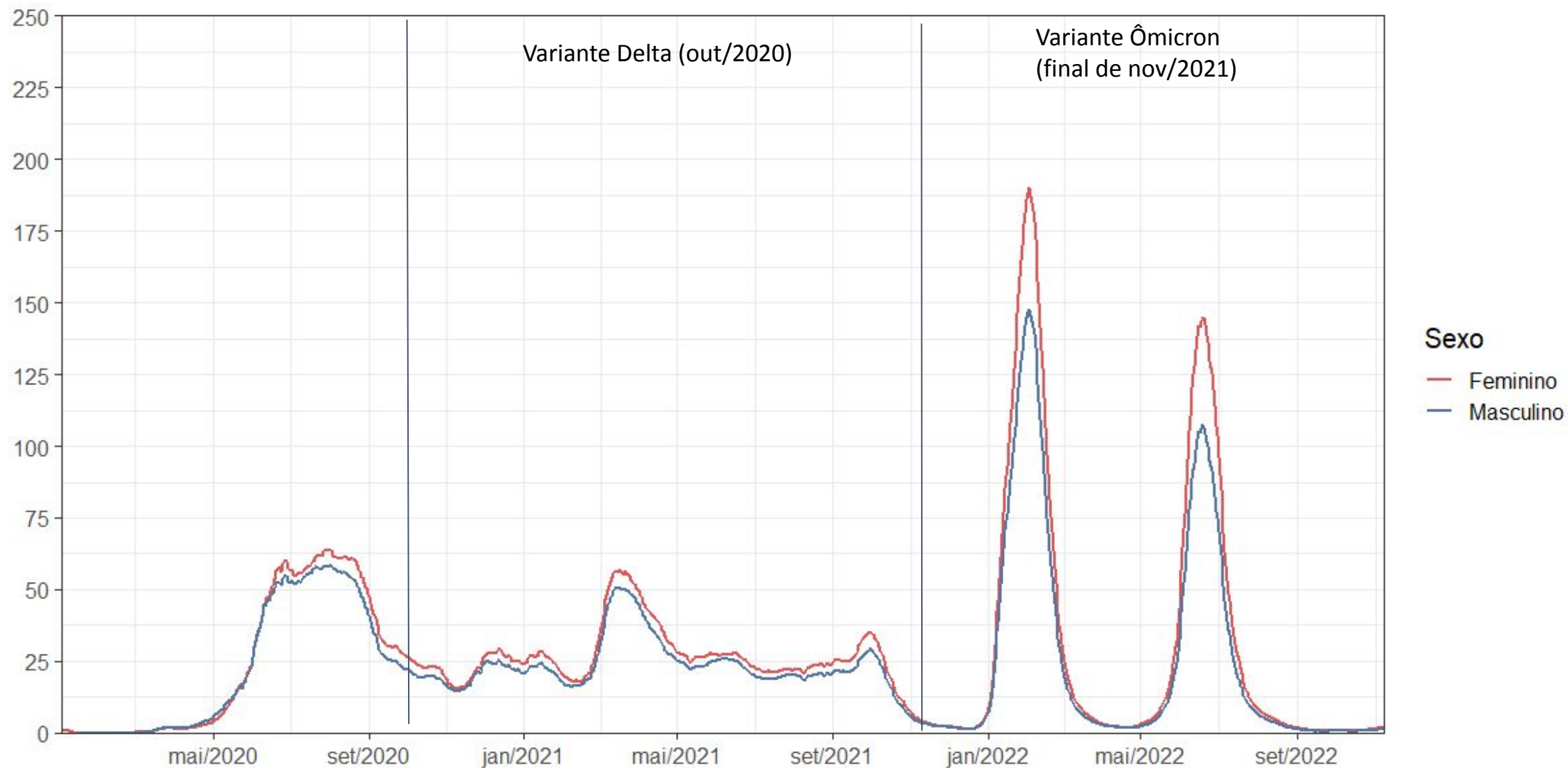


Distribuições etárias da População, de casos e de óbitos

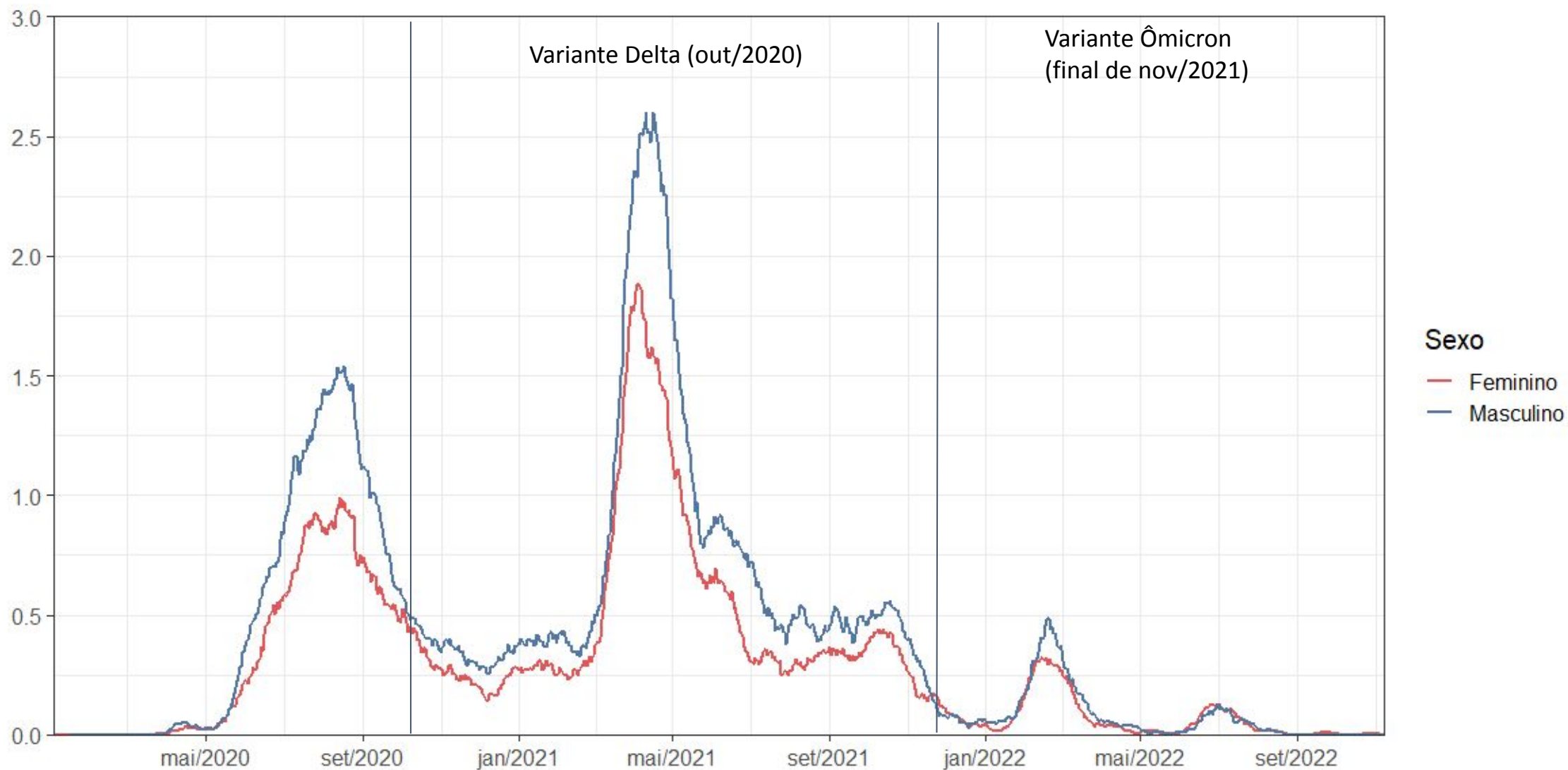


- Essa análise se mantém nos diversos períodos da pandemia. Note que, pelo número de casos por 100 mil habitantes, o número de mulheres infectadas pela Covid-19 acompanha o número de infecções em homens, apesar de permanecer acima desse número em todos os meses. Em 2022, sobretudo com a Variante Ômicron, o número de mulheres contaminadas supera expressivamente o número de homens contaminados no pico das ondas.
- Enquanto os casos femininos, ao longo dos meses, ficam, em geral, acima dos casos masculinos, os óbitos entre homens ficaram, na maior parte do tempo, acima dos óbitos entre mulheres. Nas ondas de Covid-19, o número de óbitos entre homens descolou ainda mais dos óbitos entre mulheres, mesmo durante a onda da Variante Ômicron.

Casos diários por 100 mil habitantes por sexo

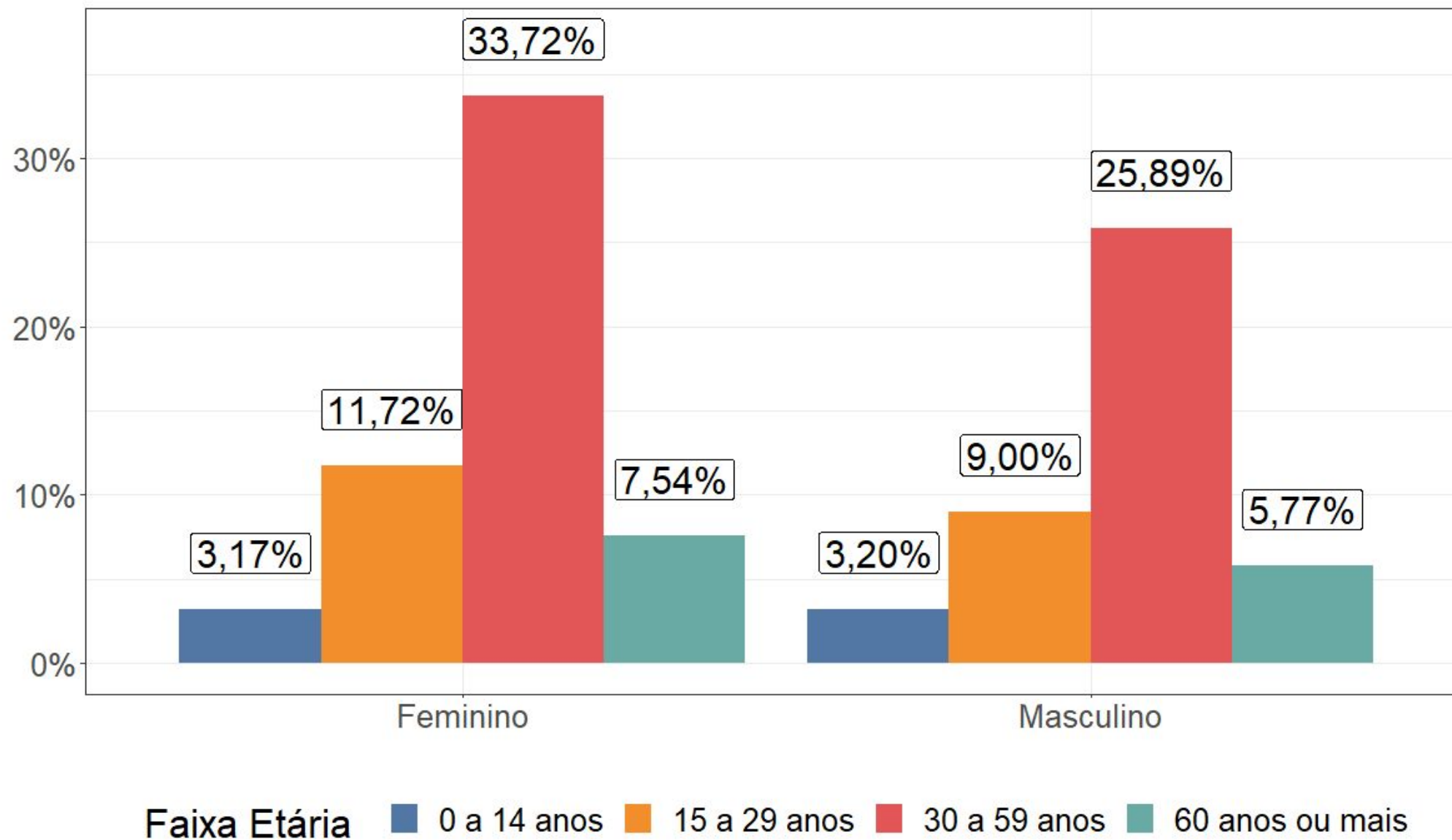


Casos diários por 100 mil habitantes por sexo

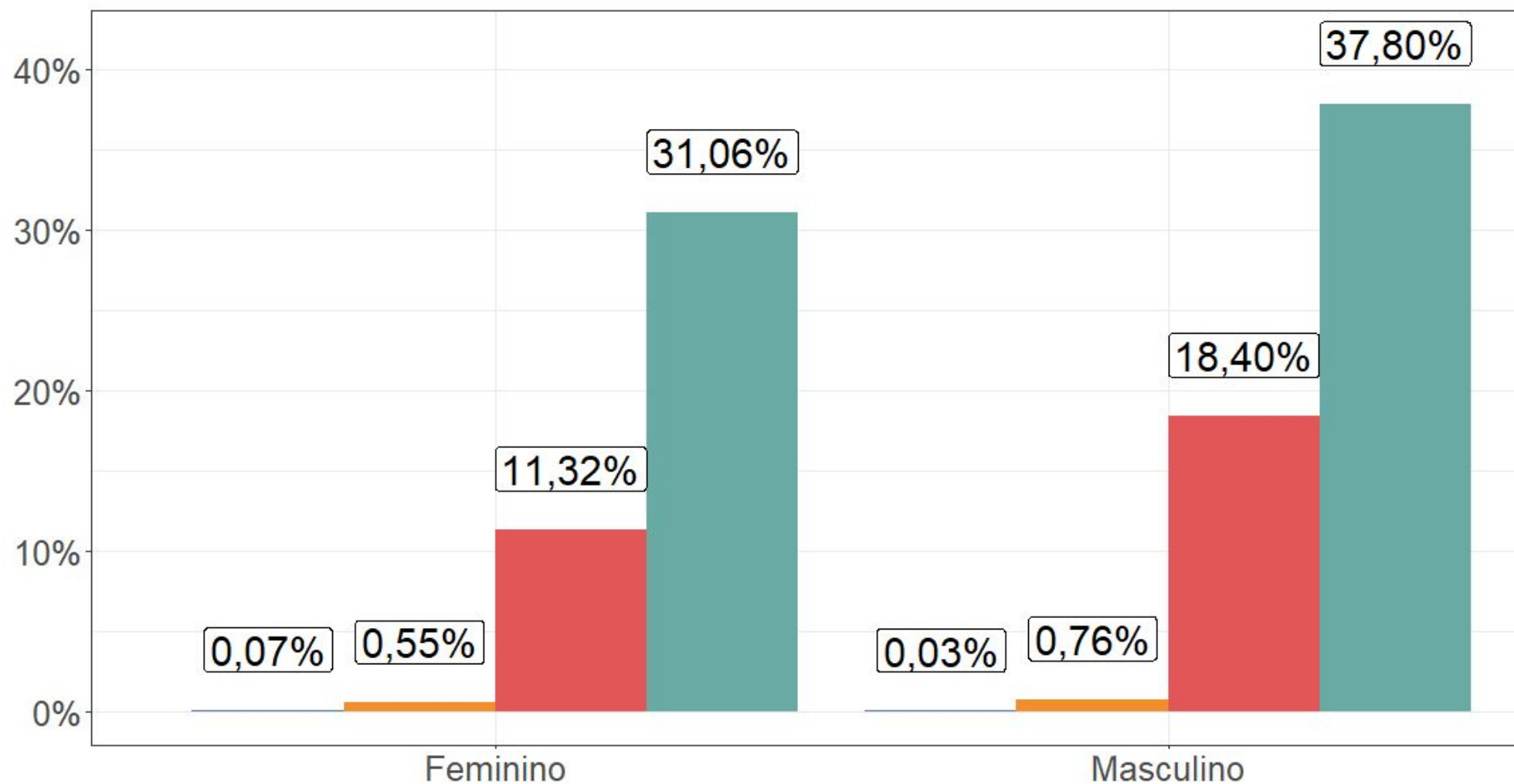


- ➔ Para fins de divulgação, os gráficos presentes nos slides 29-32 resumem algumas outras informações referentes a sexo e a idade.
- ➔ Primeiramente, percebe-se que 59,61% (33,72% em mulheres e 25,89% entre homens) dos casos se deram na população entre 30 e 59 anos. Para a população entre 15 e 29 anos, o número foi de 20,72% - 11,72% nas mulheres e 9,00% nos homens. A população acima de 60 anos representou 13,31% dos casos - 7,54% nas mulheres e 5,77% nos homens. Esses dados são influenciados pelos tamanhos populacionais, como já mostrava a distribuição etária do slide anterior;
- ➔ Em termos de óbitos, a distribuição difere significativamente, como já explorado. A população com 60 anos ou mais, apesar de representar 7,54% dos casos, foi atingida por 68,86% dos óbitos. Por outro lado, a população entre 30 e 59 anos, que concentrou 59,61% dos casos, teve 29,72% dos casos.

Distribuição de casos por sexo e faixa etária



Distribuição óbitos por sexo e faixa etária



Faixa Etária

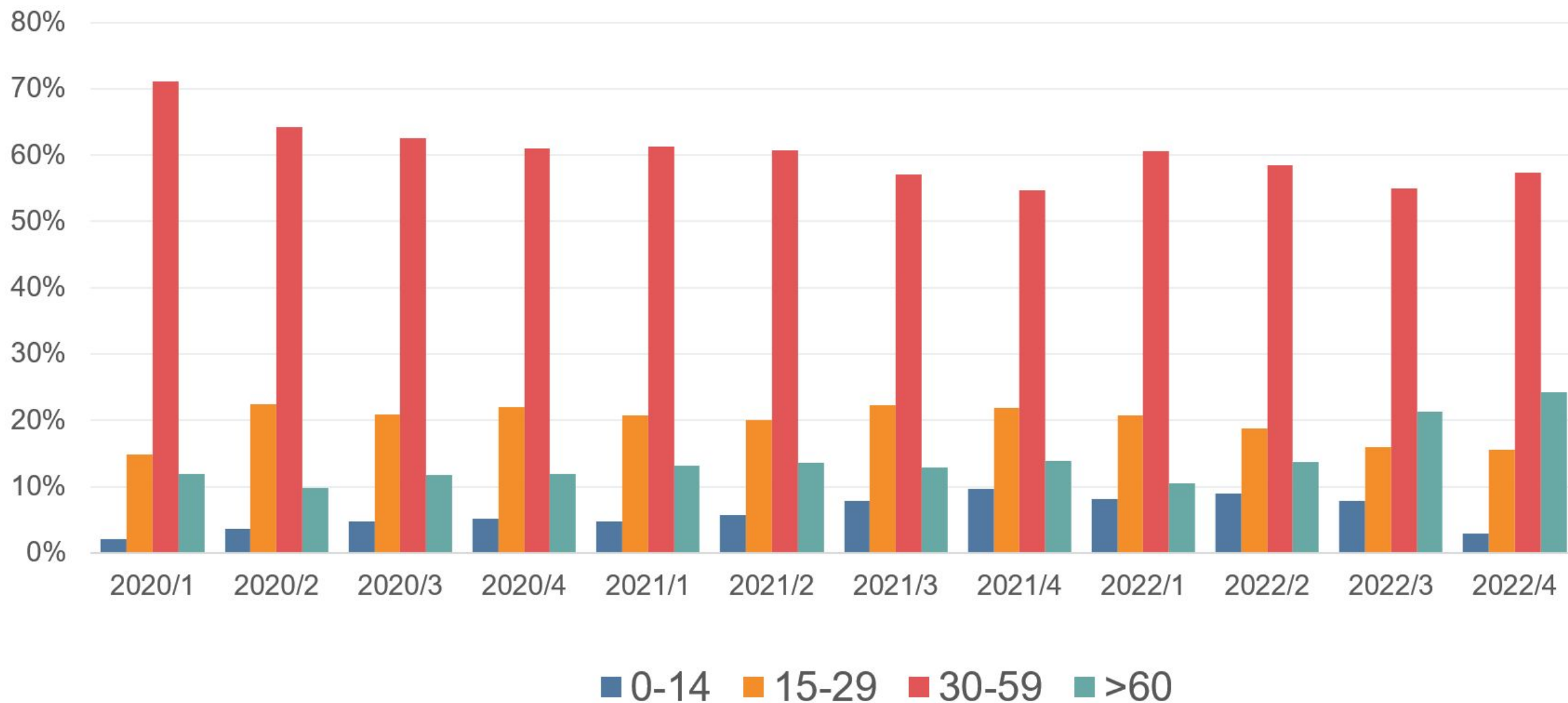
■ 0 a 14 anos

■ 15 a 29 anos

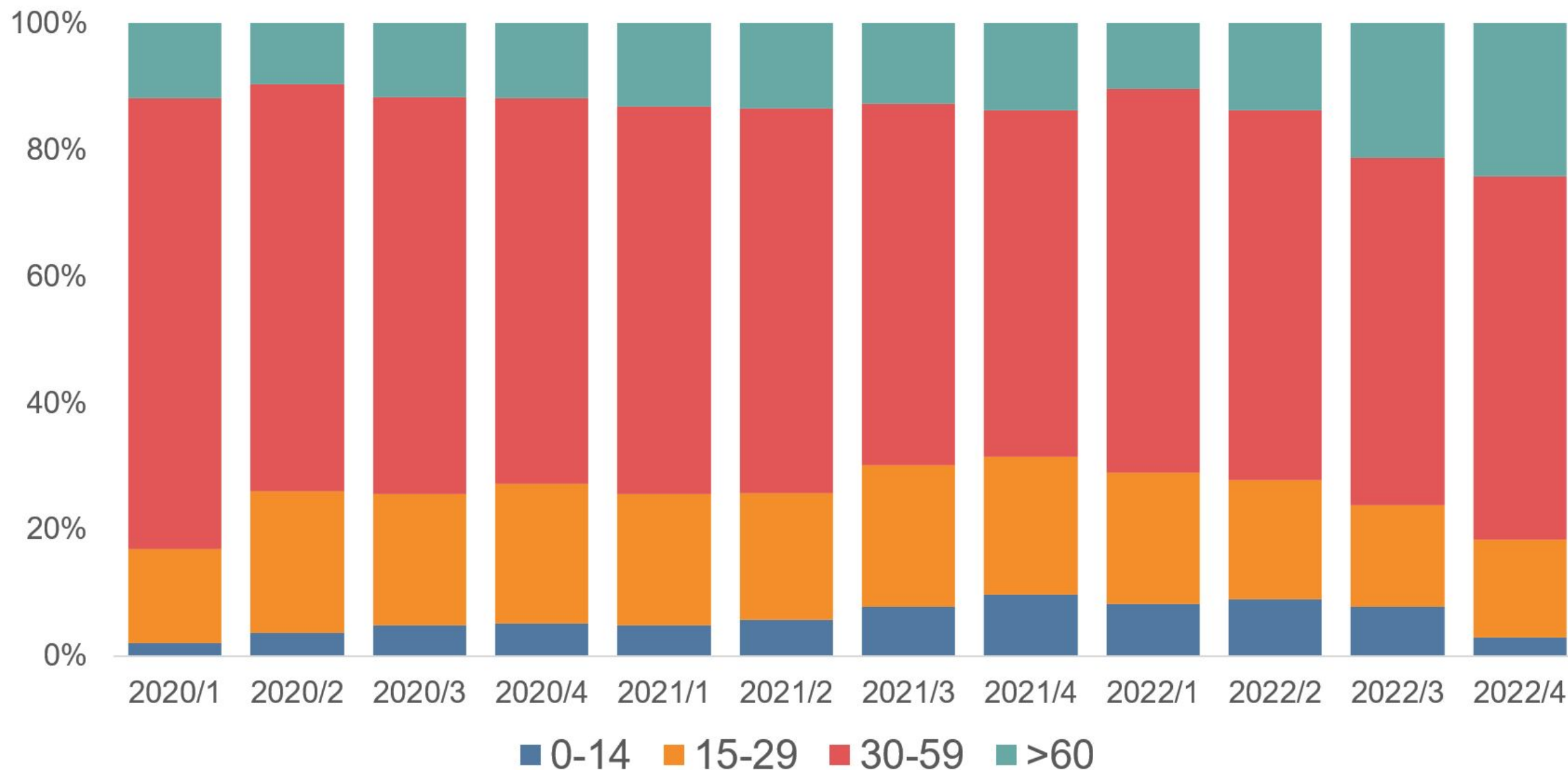
■ 30 a 59 anos

■ 60 anos ou mais

Participação trimestral nos casos por faixa etária



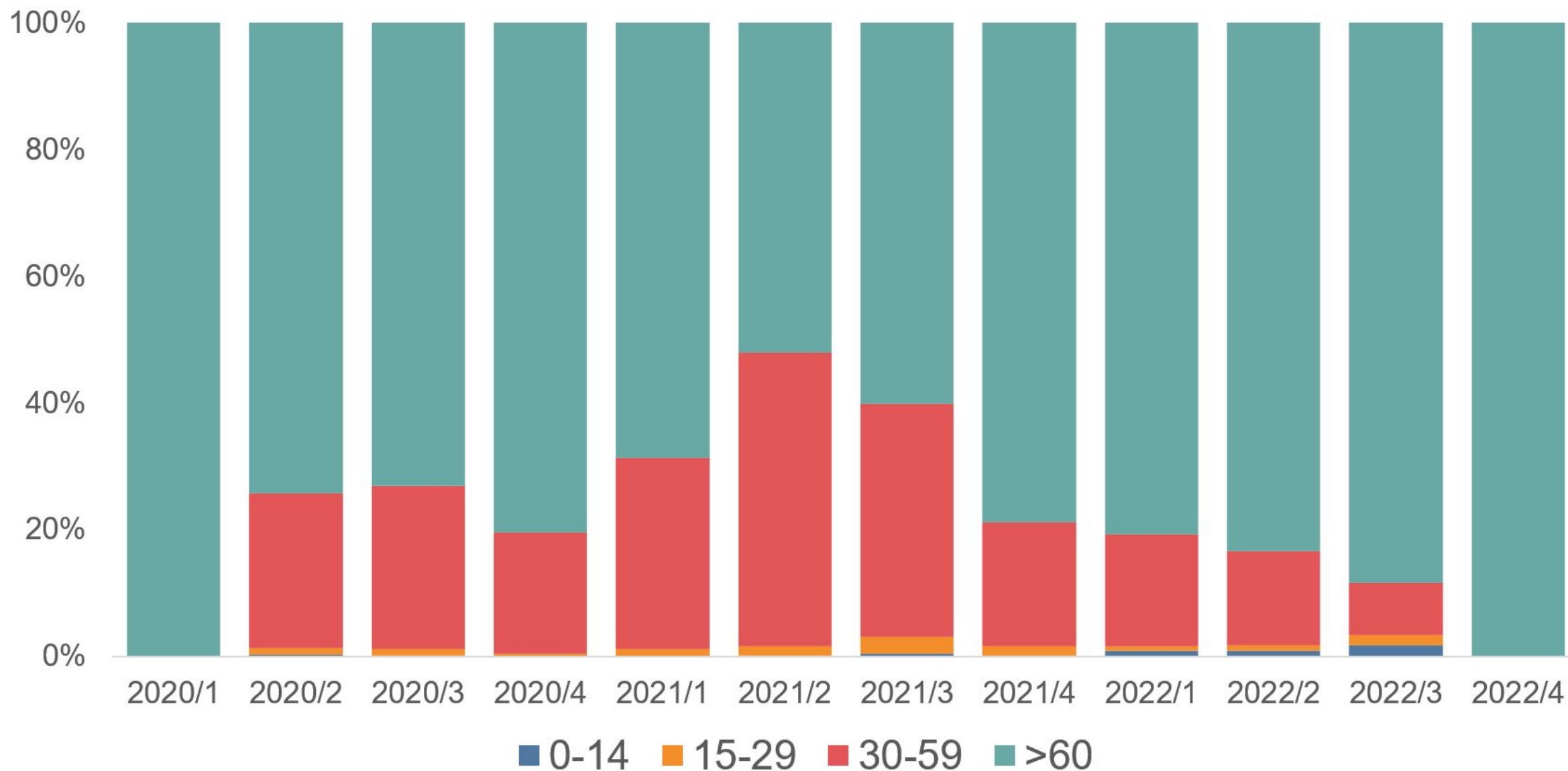
Participação trimestral nos casos por faixa etária



Participação trimestral nos óbitos por faixa etária

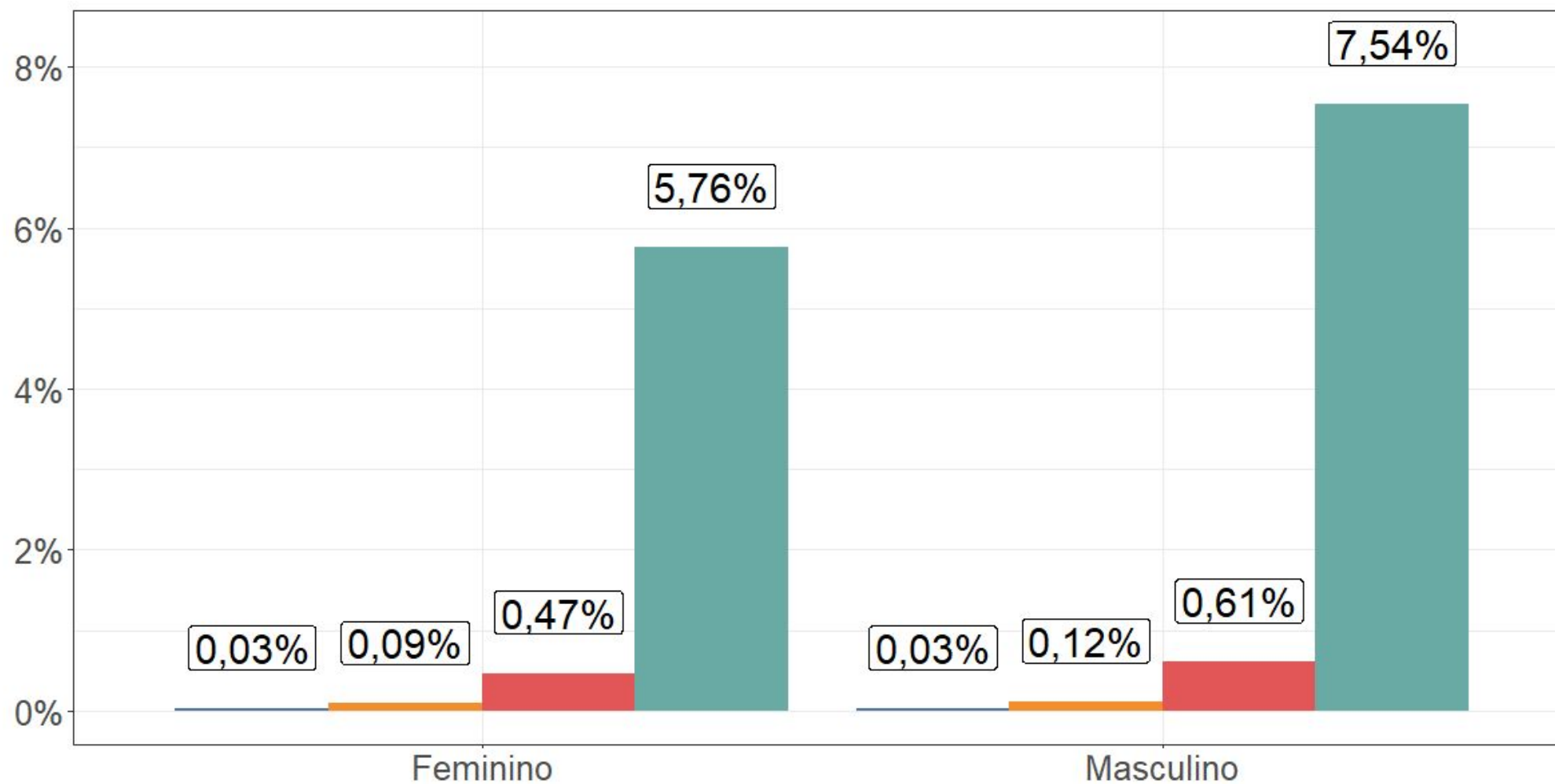


Participação trimestral nos óbitos por faixa etária



- Percebe-se uma forte participação da população acima de 60 anos nos óbitos tanto nas ondas de covid quanto fora delas. Há, no entanto, um forte efeito da Variante Delta (segunda onda) sobre os óbitos na população entre 30 e 59 anos.
- Esses dados tiveram influência direta na letalidade da doença entre os grupos etários e os sexos. Apesar de a letalidade geral da doença no DF ter sido de 1,4%, a letalidade entre os homens e mulheres acima de 60 anos foi de, respectivamente, 7,54% e 5,76%;
- Para os grupos entre 30 e 59 anos, a letalidade se manteve abaixo da do DF, com letalidades de 0,61% para homens e 0,47% para mulheres. Para os outros grupos etários, a letalidade permaneceu abaixo de 10% da média geral, revelando letalidades menores que 0,14%;

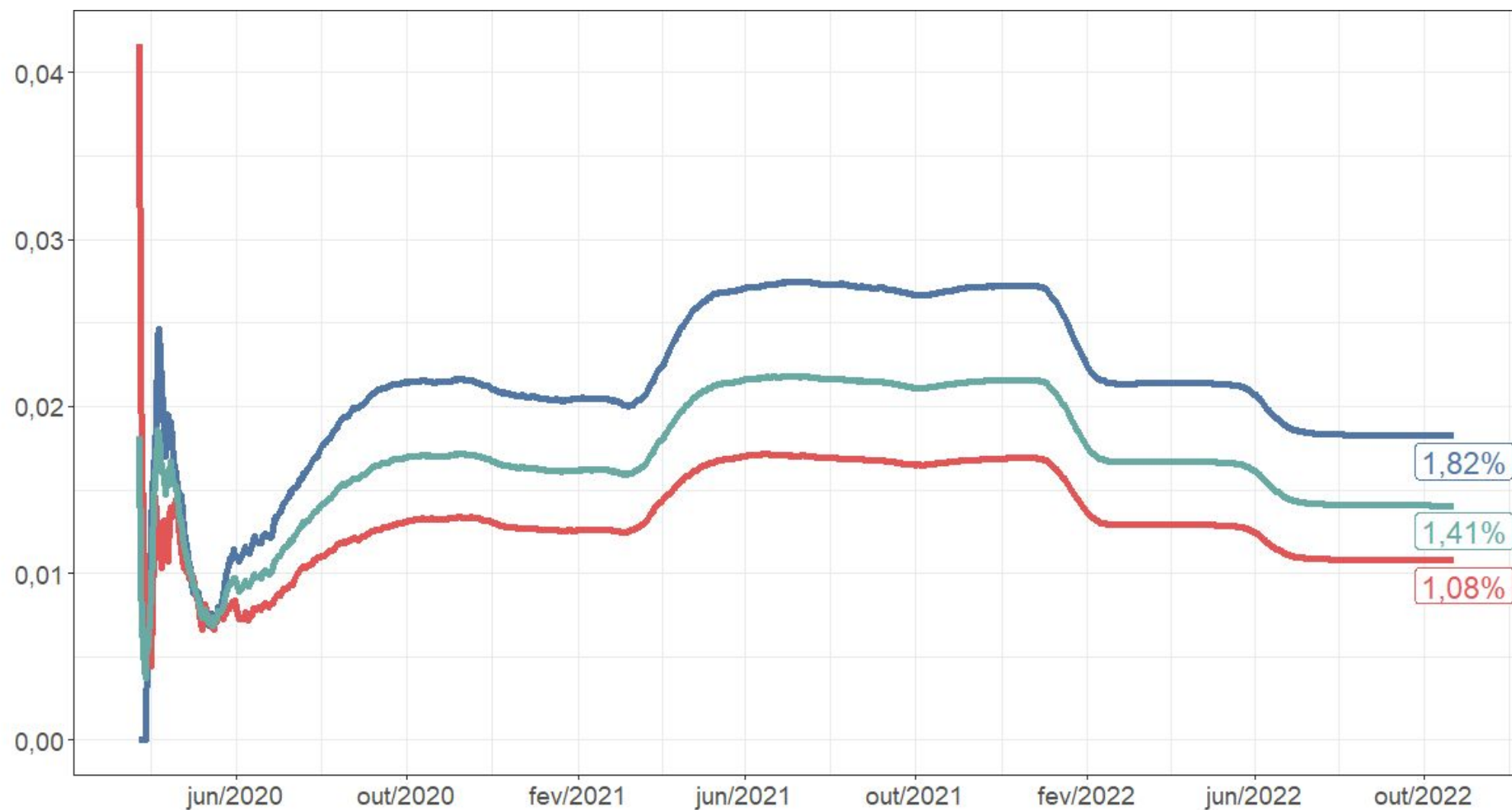
Letalidade por sexo e faixa etária



Faixa Etária ■ 0 a 14 anos ■ 15 a 29 anos ■ 30 a 59 anos ■ 60 anos ou mais

- No entanto, essa letalidade acumulada geral difere ao longo do tempo, sendo influenciada por fatores como a vacinação e letalidade geral das variantes de Covid-19. Conceitua-se a letalidade acumulada como a letalidade dos dados acumulados até o momento da análise. Assim, os períodos de alta letalidade são contrabalanceados pelos períodos de baixa letalidade. A letalidade acumulada no último período é a letalidade geral;
- Em 2020, com o início da pandemia, a letalidade se elevou até o patamar de 1,5%, onde passou a oscilar a depender do período. A partir de maio de 2021, a letalidade acumulada da doença se elevou expressivamente, ultrapassando os 2%. A partir da Variante Ômicron, os casos subiram significativamente, mas com número de óbitos menor que em outros períodos, fazendo com que a letalidade acumulada se reduzisse até alcançar o patamar geral de letalidade de 1,4%.

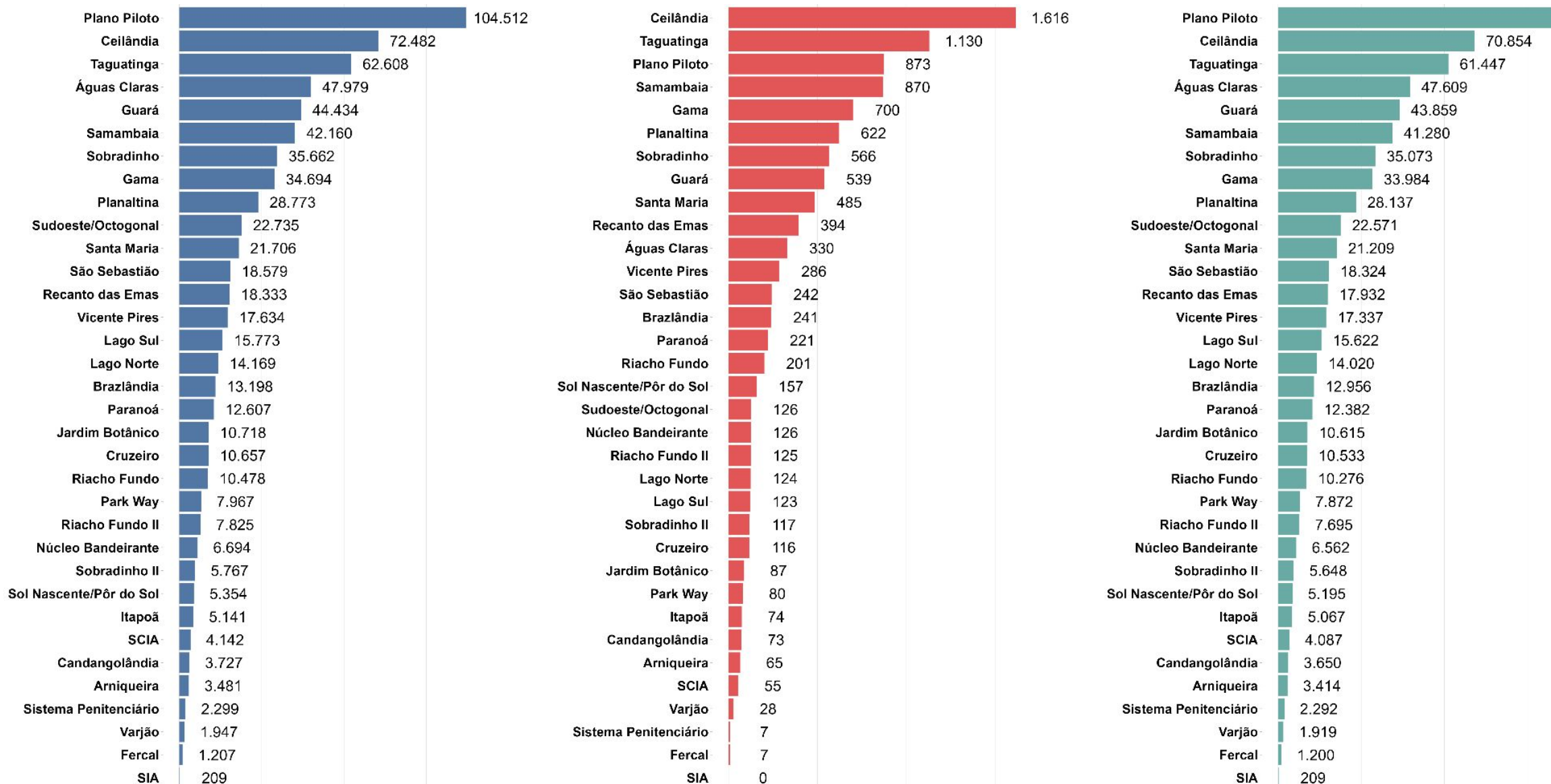
Letalidade acumulada por sexo



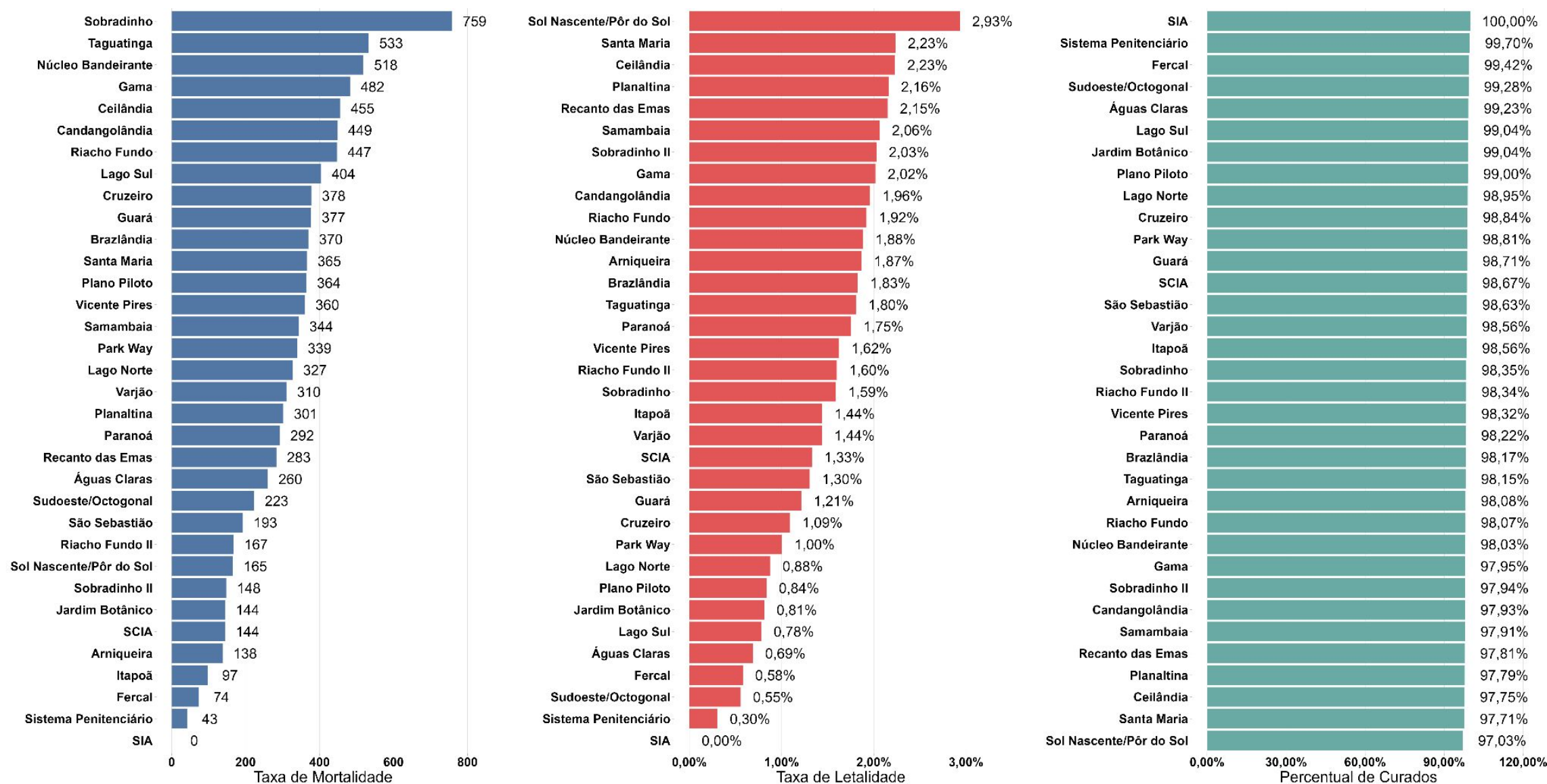
Casos no território

- ➔ Assim como ocorreu nas Unidades da Federação, a pandemia afetou o território do DF de forma heterogênea. Como esperado, as regiões mais populosas foram as com maior número de casos - apesar de não seguir exatamente a sequência populacional -, com o Plano Piloto registrando 104.512 casos, Ceilândia com 72.482 e Taguatinga com 62.608. Em óbitos, essas três Regiões Administrativas (RAs) continuam no topo, mas Ceilândia foi a que registrou o maior número de óbitos, 1.616, seguida de Taguatinga (1.130) e Plano Piloto (873);
- ➔ Isso se reflete na mortalidade e na letalidade nas RAs. Sobradinho, Taguatinga e Núcleo Bandeirante tiveram as maiores mortalidades por 100 mil habitantes - 759, 533 e 518, respectivamente.
- ➔ As letalidades de algumas RAs superaram a média geral de 1,4% do DF. Sol Nascente/Pôr do Sol foi a RA com maior letalidade - 2,93%. Santa Maria e Ceilândia tiveram a mesma letalidade - 2,23%, seguida de Planaltina, que registrou 2,16%.

Casos, óbitos e recuperados por Região Administrativa



Mortalidade, letalidade e percentual de curados por RA



- Em termos territoriais, o número de casos e de óbitos seguiu a mesma tendência do DF, mas algumas Regiões Administrativas foram mais afetadas em diferentes momentos da pandemia.
- Em 2020, as Regiões de Candangolândia, Lago Sul, Paranoá e Sobradinho alcançaram a média móvel de até 100 casos por 100 mil habitantes. Este patamar de casos por população não foi alcançado por nenhuma RA em 2021.
- Em 2022, com a Ômicron, diversas Regiões Administrativas registraram altos índices de casos por 100 mil habitantes. Os maiores picos (superiores a 250 casos por 100 mil habitantes) foram registrados em Águas Claras, Cruzeiro, Lago Sul, Plano Piloto, Sobradinho e Sudoeste/Octogonal.

Média móvel de 14 dias dos casos por 100 mil habitantes por Região



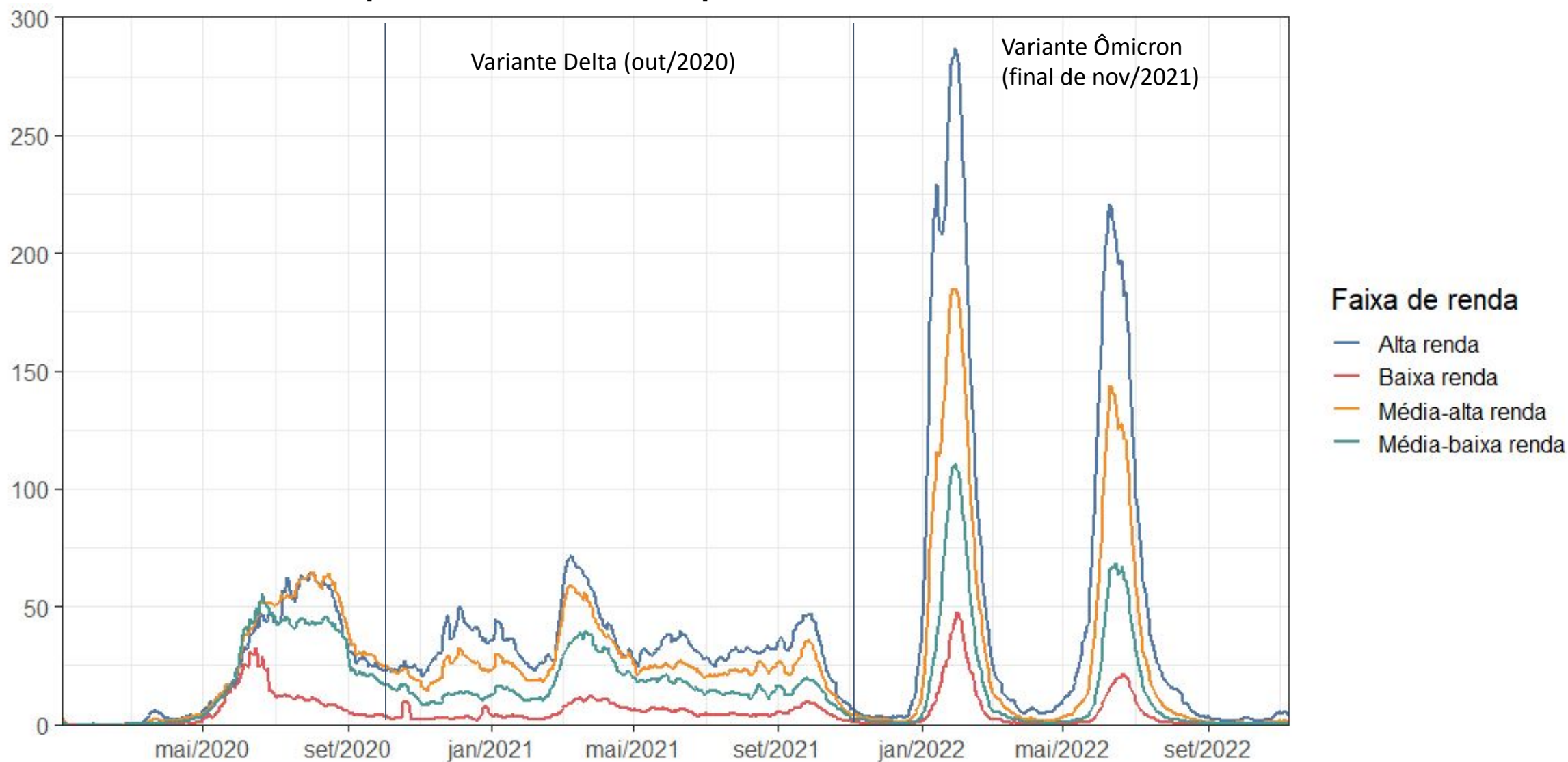
- Em relação à média móvel de óbitos por 100 mil habitantes, no ano de 2020 os picos de óbitos foram registrados no segundo semestre do ano e somente as RAs de Candangolândia, Cruzeiro, Núcleo Bandeirante, Park Way, Sobradinho e Taguatinga registraram taxa de óbitos por população superior a 2.
- No decorrer do ano de 2021 a pandemia se mostrou ainda mais letal em todo o território, sendo registrados picos da média móvel de óbitos superiores a 3 nas regiões de Candangolândia, Núcleo Bandeirante, Riacho Fundo, Sobradinho, Taguatinga, Varjão e Vicente Pires.
- Sobradinho registrou o maior pico da série histórica, com quase 5 óbitos por 100 mil habitantes no segundo trimestre de 2021, um valor próximo do registrado no Varjão.
- O ano de 2020 apresentou índices de óbitos menos severos. Nenhuma RA apresentou média móvel de óbitos por 100 mil habitantes superior a 1,5, e somente Cruzeiro e Lago Sul apresentaram picos na média móvel superiores a 1.

Média móvel de 14 dias dos óbitos por 100 mil habitantes por Região

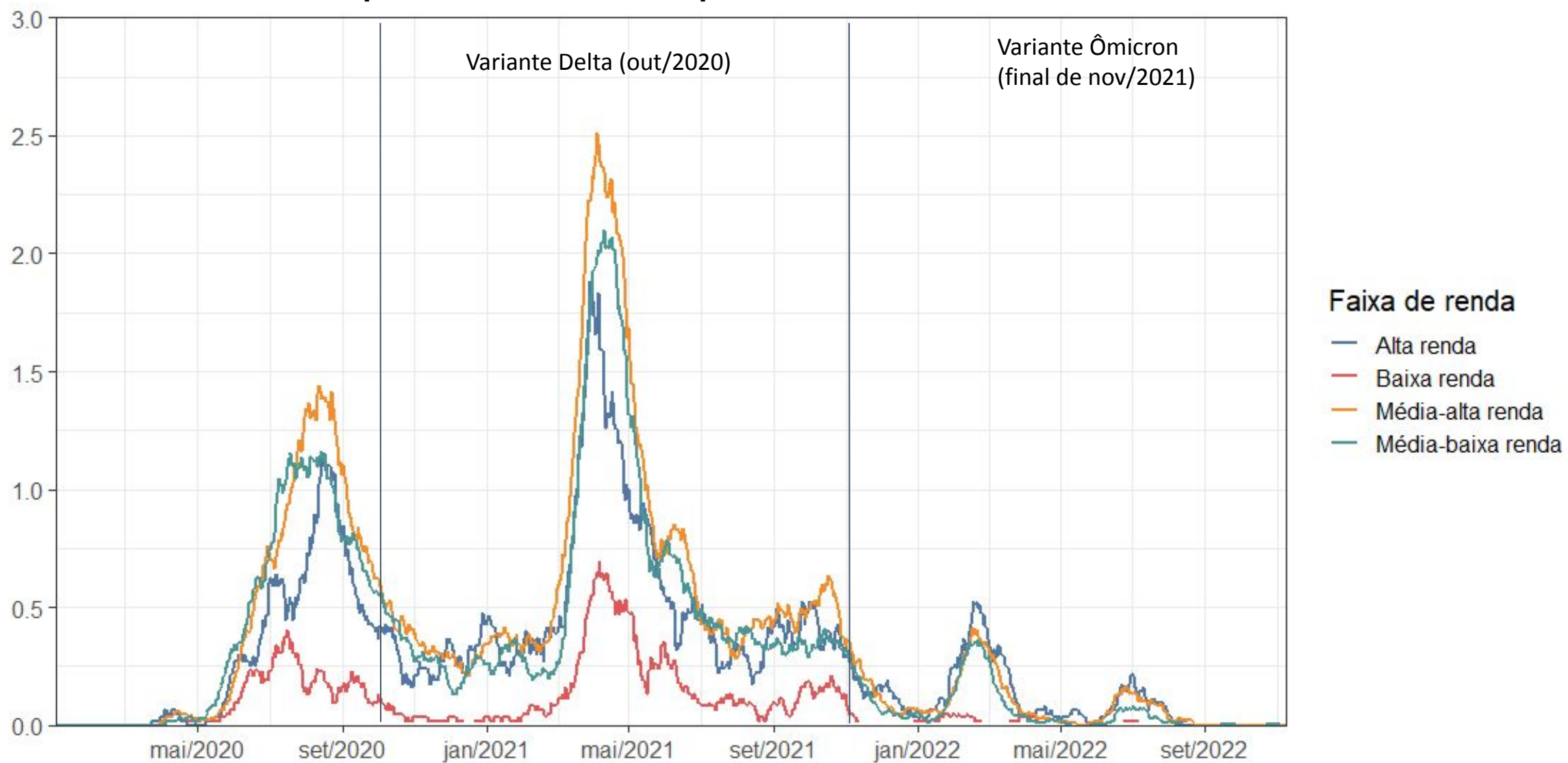


- A renda das RAs aparenta ter influenciado no comportamento da pandemia. Nota-se que, por 100 mil habitantes, as RAs de alta e média alta rendas apresentaram número similar de casos na primeira onda. Após o impacto inicial, as RAs de alta renda mantiveram um maior número de casos, descolando dos outros grupos sobretudo nos picos da doença.
- Nota-se um comportamento geral de que os casos afetam mais as RAs de alta renda, seguidos das de média alta renda, média baixa renda e baixa renda. Essa sequência não se preserva nos óbitos, com as RAs de média alta renda apresentando maior número de óbitos nos até a segunda onda. Após essa onda, nota-se uma convergência do número de óbitos para as RAs de média baixa, média alta e alta rendas. As RAs de baixa renda se mantêm com número de óbitos expressivamente menor que nos outros grupos.
- Ponderou-se que esse efeito poderia se derivar do fato de que a população nas RAs de menor renda é mais jovem. Computando-se os óbitos por 100 mil habitantes apenas para a população abaixo de 60 anos, se observa uma maior convergência dos grupos, mas as RAs de média alta e média baixa rendas apresentam o maior número de óbitos, enquanto as de alta e baixa rendas apresentam os menores números ao longo da série.

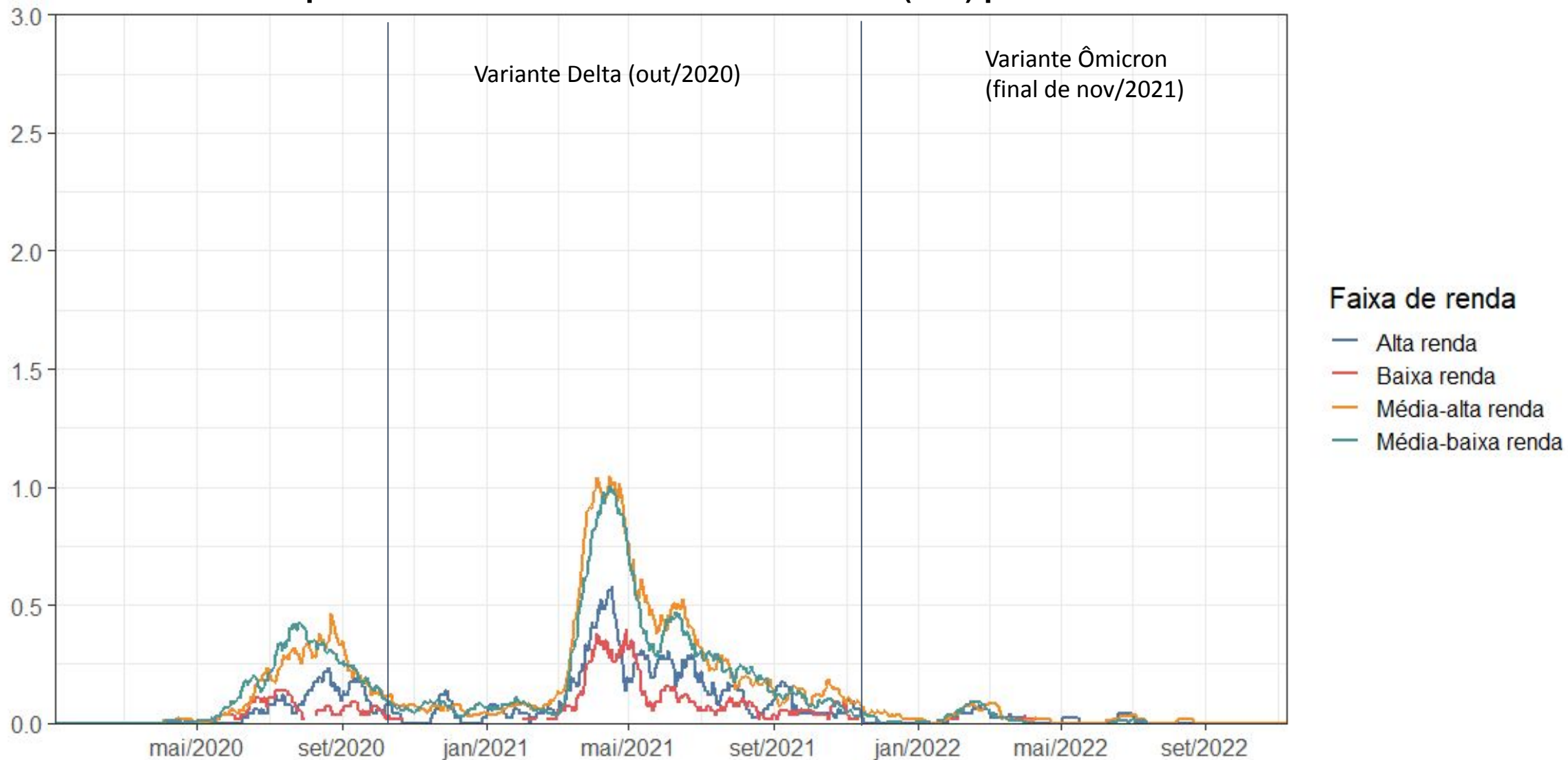
Casos por 100 mil habitantes por Faixa de Renda da RA



Óbitos por 100 mil habitantes por Faixa de Renda da RA

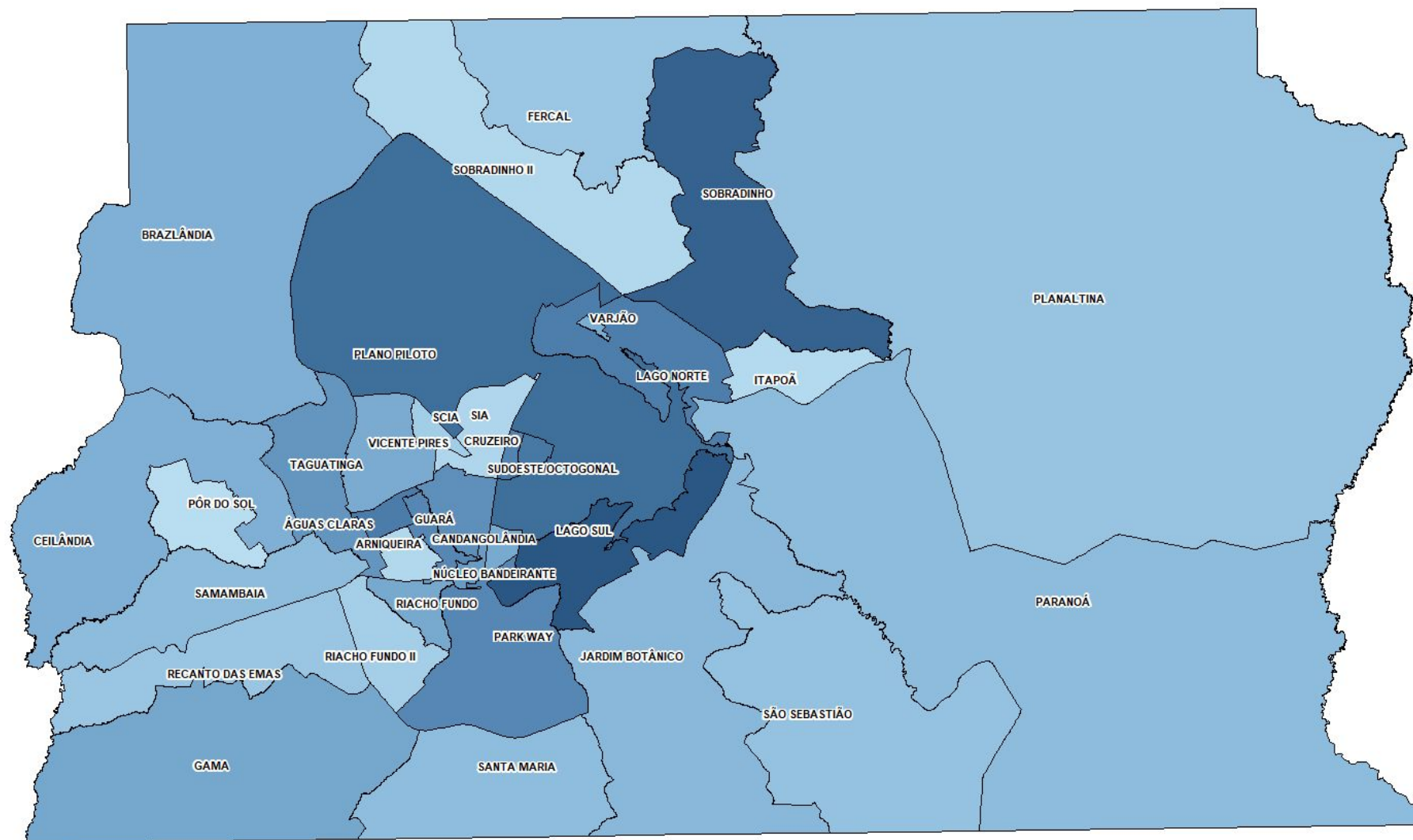


Casos por 100 mil habitantes entre não idosos (<60) por Faixa de Renda da RA

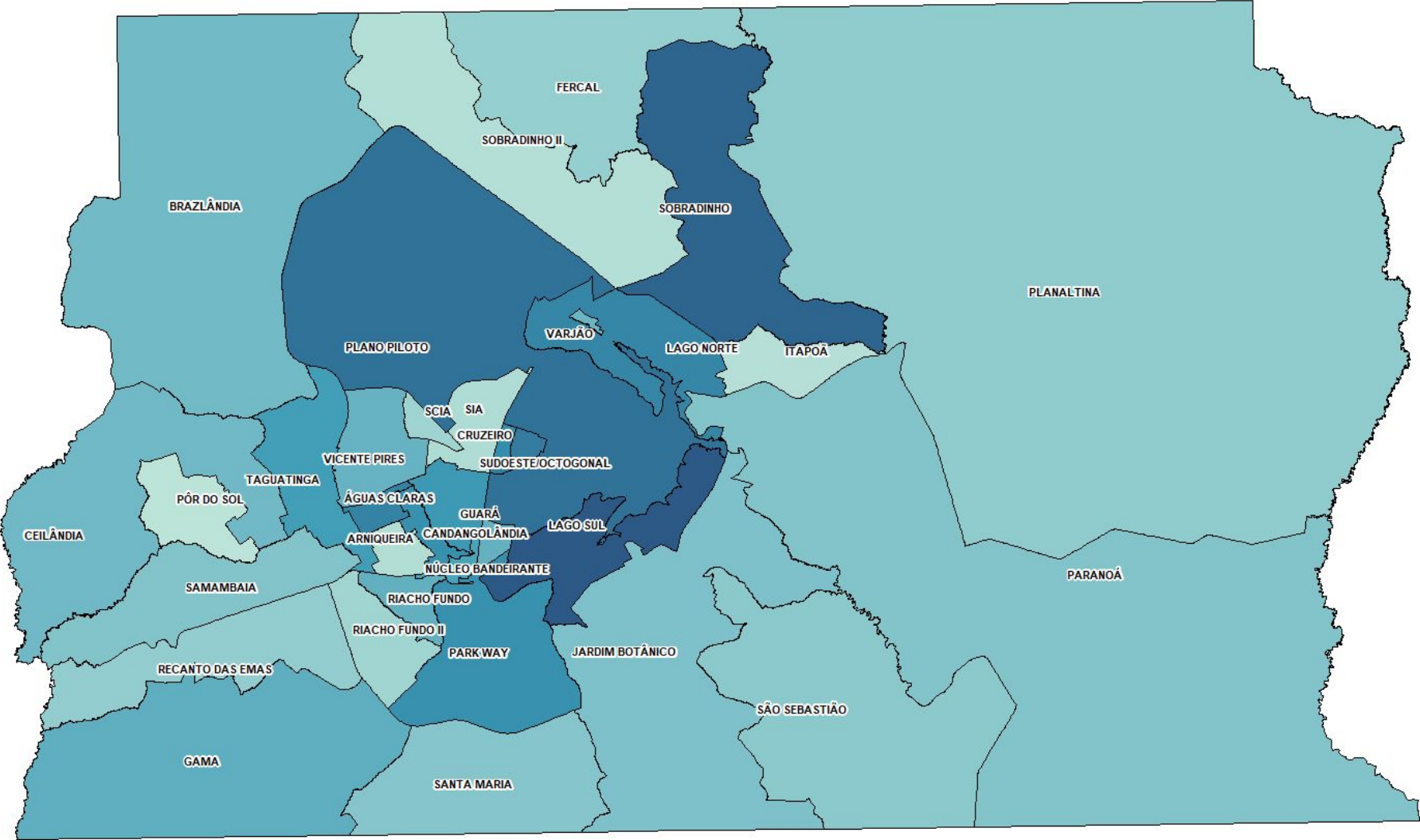


- Uma outra forma de explorar esses dados é por meio de mapas de calor que sumarizam os dados expostos até o momento.
- Nota-se que na região central do DF, que possui, no geral, maior população e maior renda, há maior número de casos por 1 mil habitantes e maior taxa de prevalência. No entanto, os óbitos por 1 mil habitantes se distribuíram mais pelo território, inclusive em regiões fora do centro da Capital.
- O percentual de curados e a letalidade mostram os efeitos da pandemia pelo território. Nas regiões centrais, nota-se um percentual de curados expressivamente maior. No caso da letalidade, há uma menor letalidade geral no centro geográfico do DF, com as regiões não centrais revelando taxas maiores.

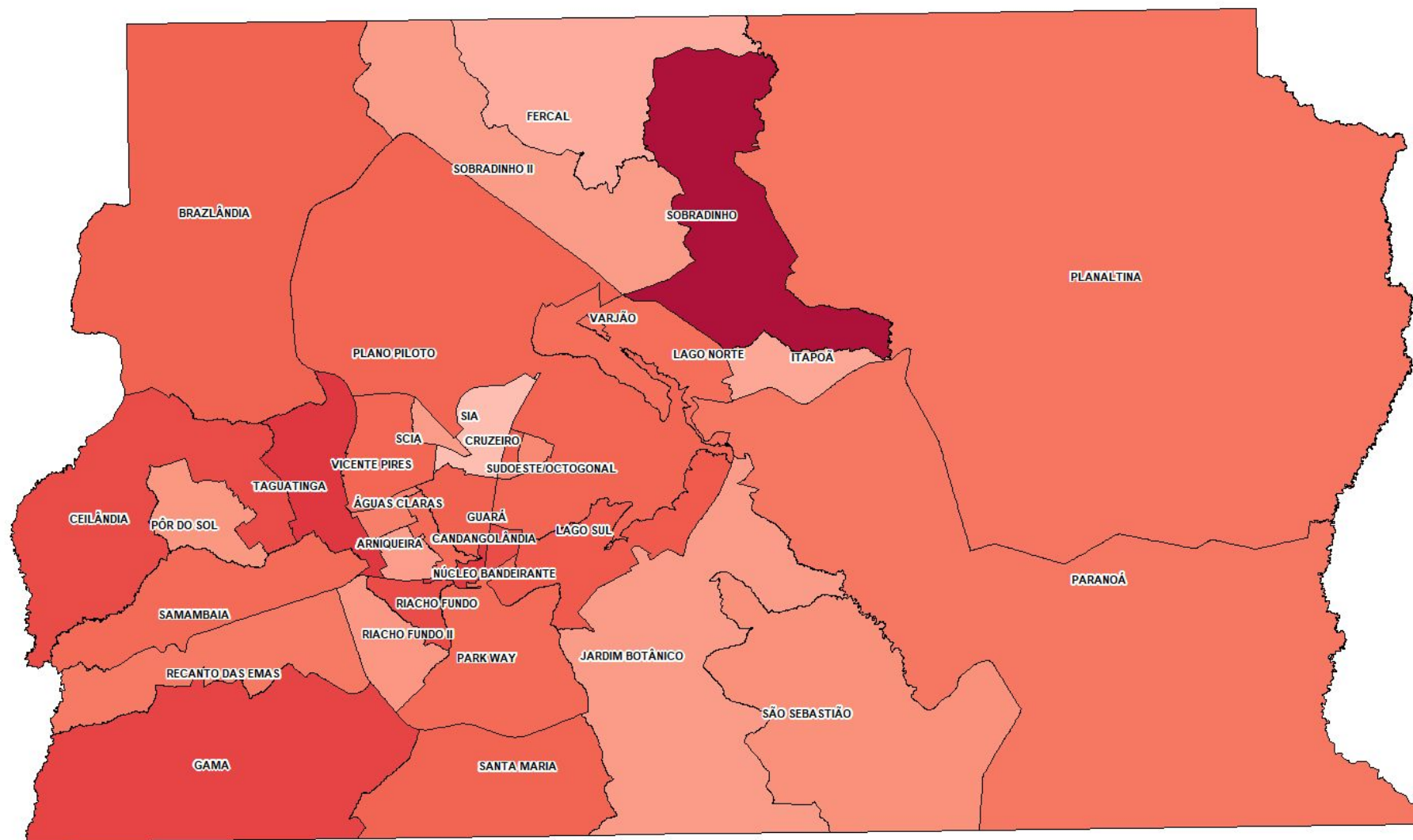
Casos por 100 mil habitantes por RA



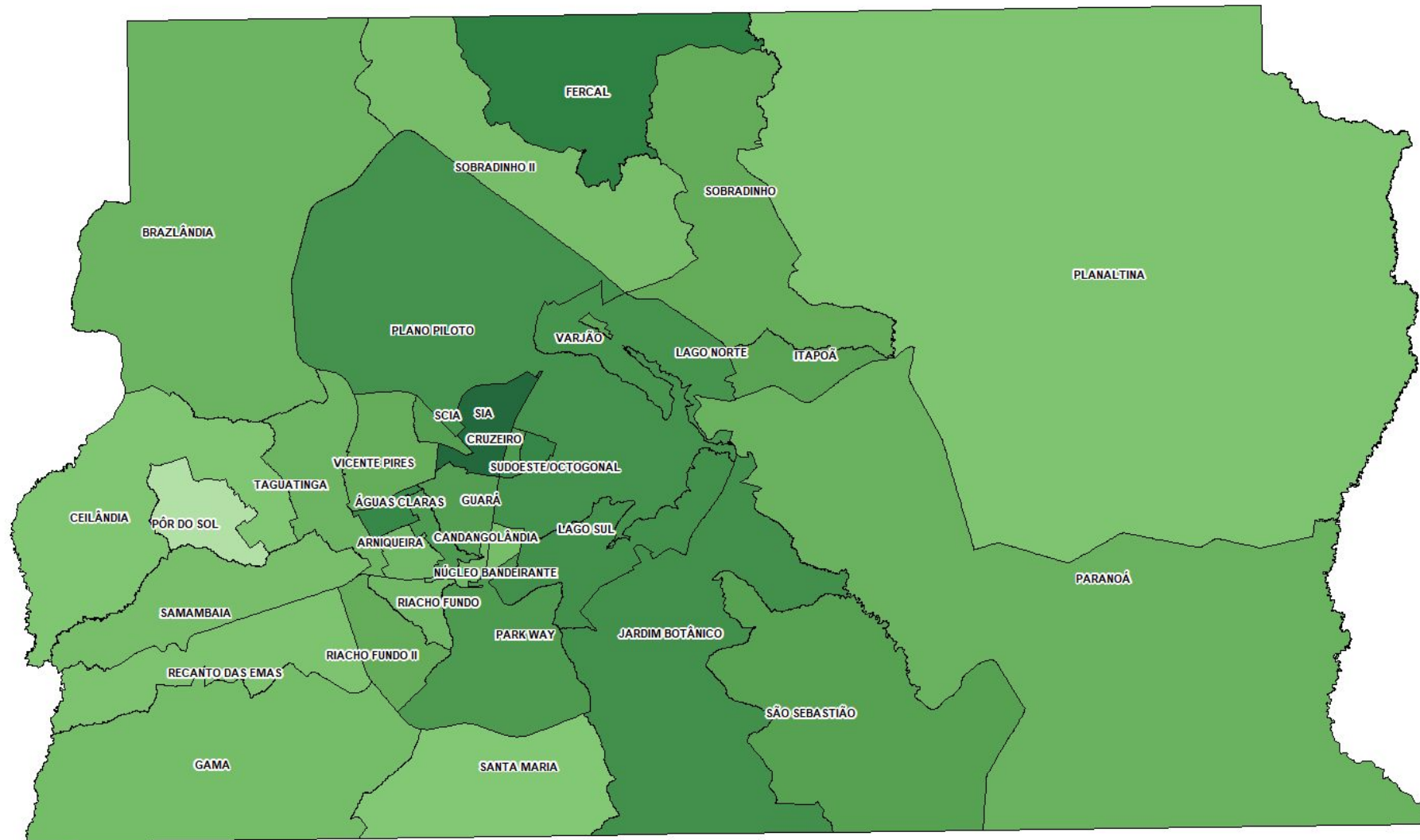
Taxa de Prevalência por RA



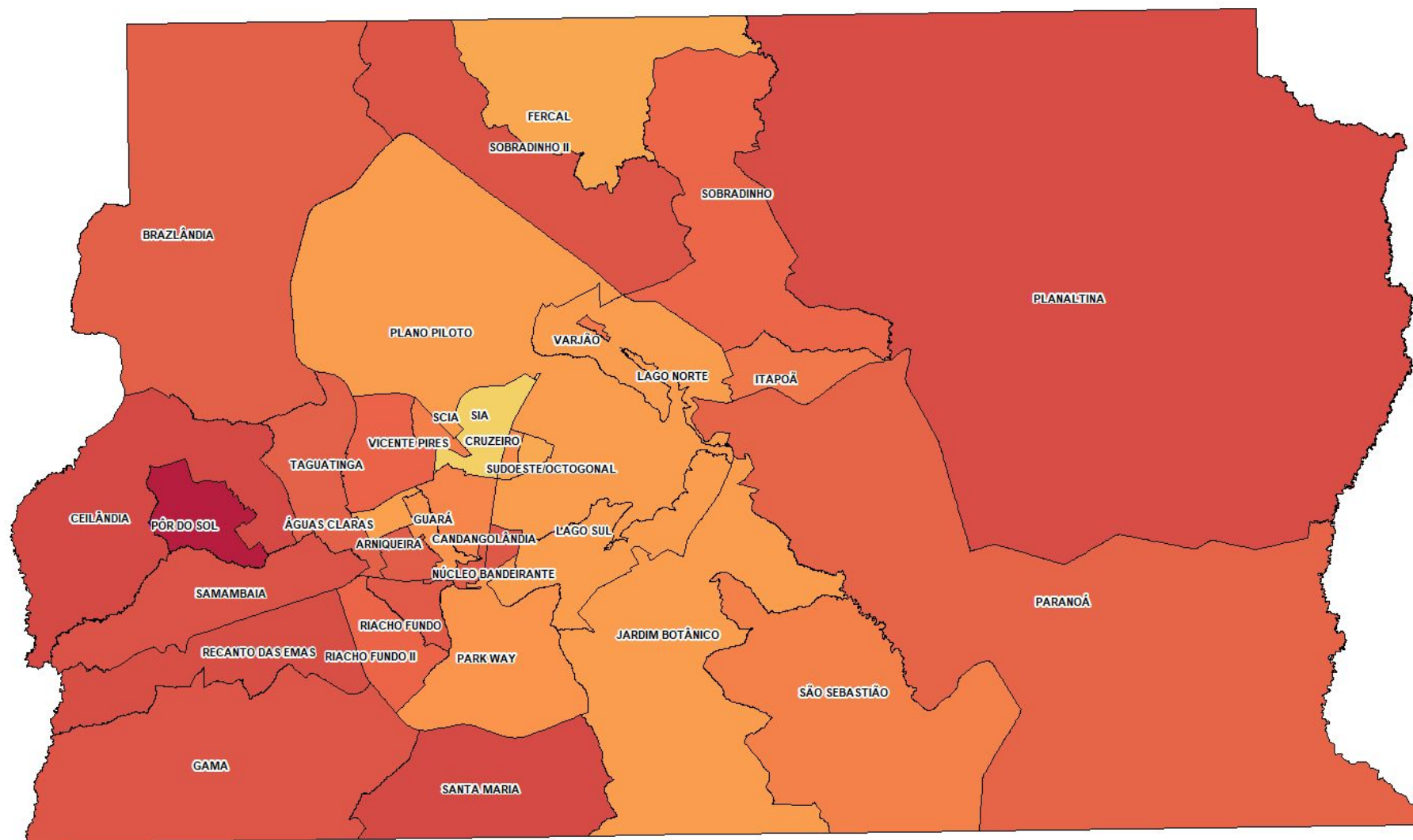
Óbitos por 100 mil habitantes por RA



Percentual de curados por RA



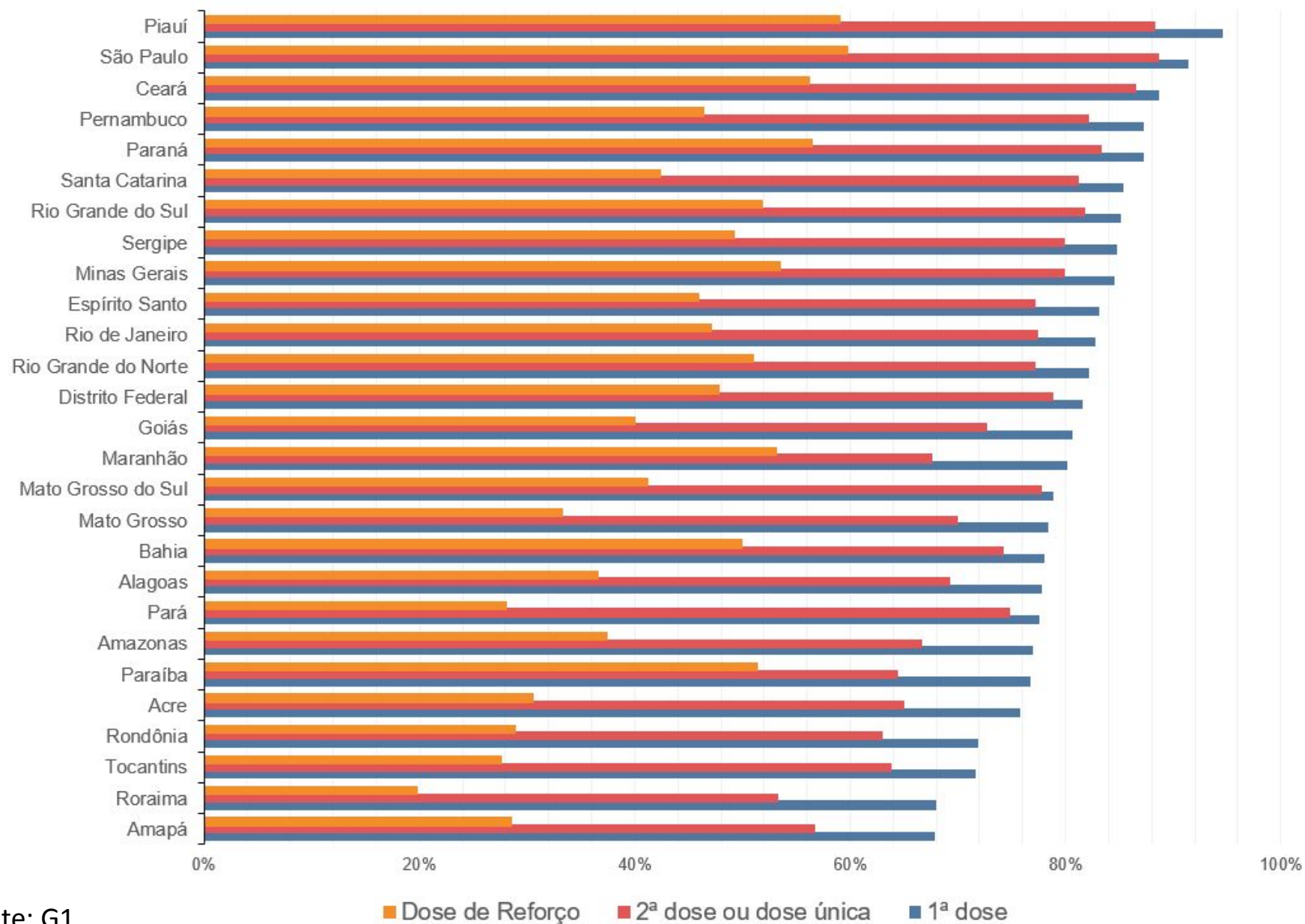
Taxa de Letalidade por RA



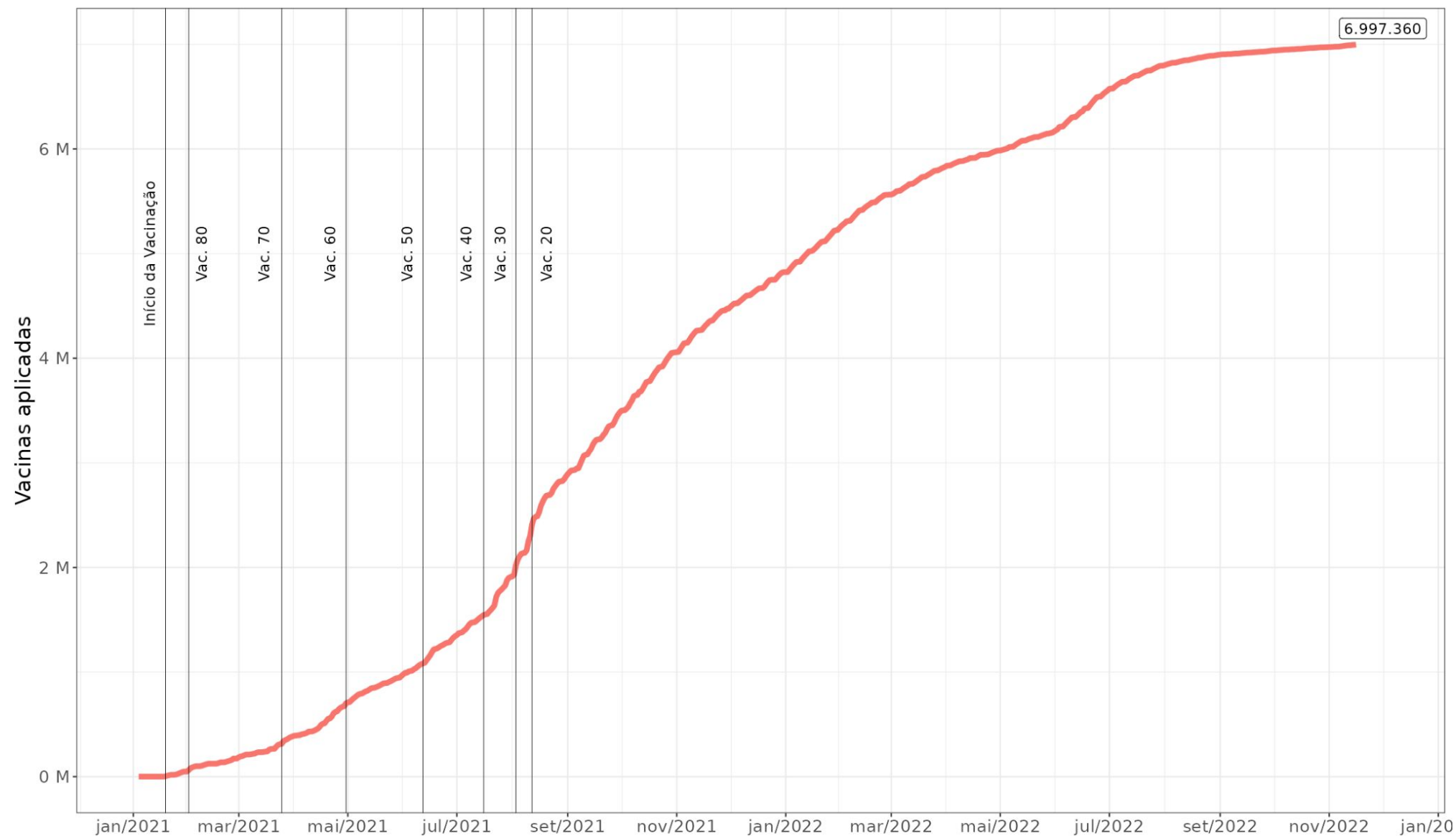
Vacinas no DF e nos estados

- Até o dia 01/12 o Brasil aplicou 539.322.436 doses de vacina, alcançando a imunização (segundas doses+doses únicas) de 80,16% da população e reforçando a vacinação de 49,56% dos brasileiros.
- Em termos comparativos, o DF foi o 13º em termos de primeira dose (81,57% da população vacinada), 10º em imunização (78,88%) e 12º em doses de reforço (47,87%). O estado do Piauí foi o que mais aplicou primeiras doses (94,56% da população), São Paulo foi o que mais imunizou com segundas doses ou doses únicas (88,68% da população) e também o que mais aplicou doses de reforço (59,77% da população).
- No DF, foram aplicadas, até o dia 30/10, 6.997.360 doses de vacina. Desse total, cerca de 1,0 milhão foi aplicada na população de até 20 anos, 2,3 milhões 4,7 milhões foram aplicadas na população entre 20 e 59 anos e pouco mais de 1 milhão foi aplicada na população acima de 60 anos. O gráfico do slide 63 mostra a evolução dessas aplicações, incluindo as datas de início da vacinação dos diferentes grupos etários.
- A tabela do slide 64 resume as proporções de vacinados em cada grupo etário no DF.

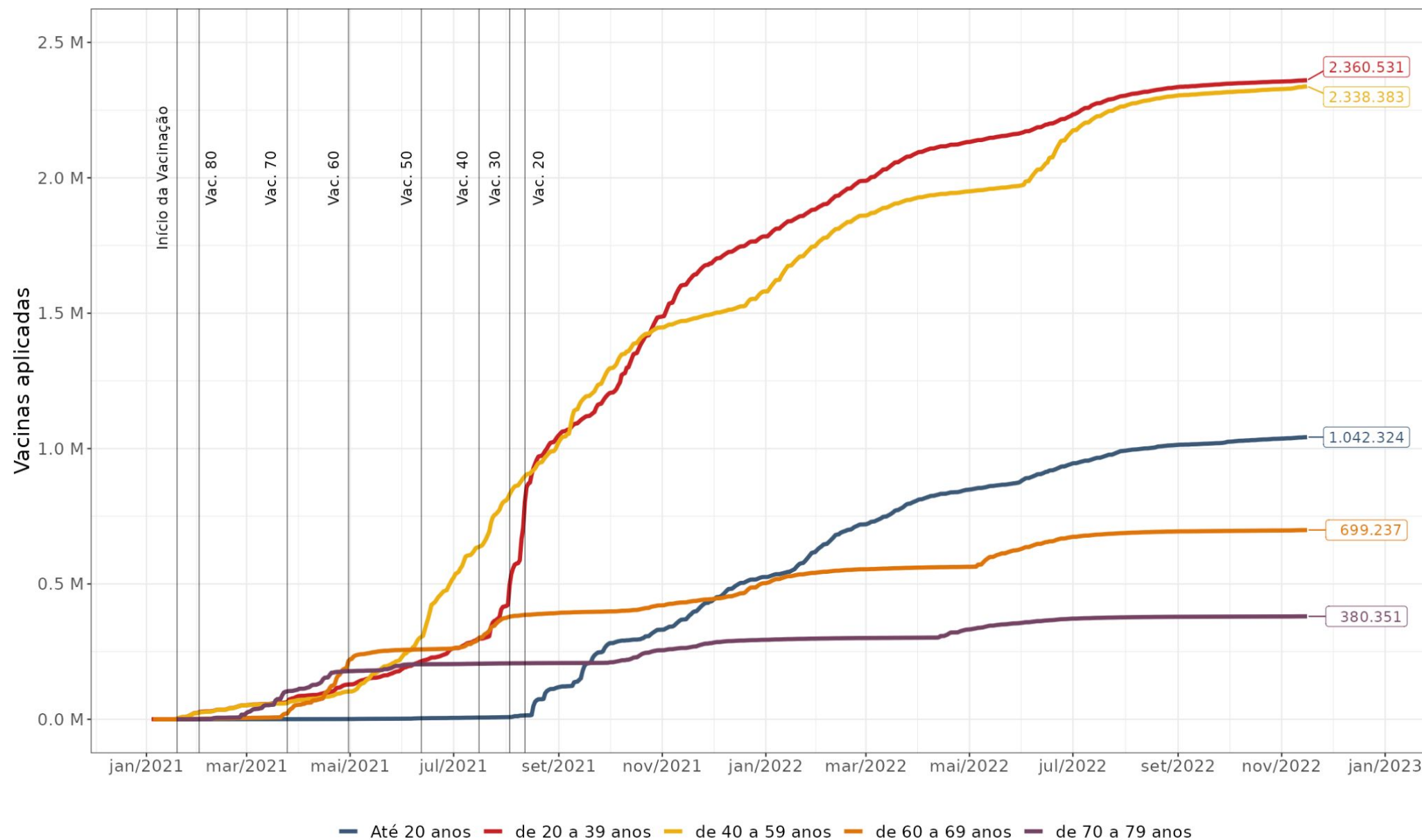
Vacinação (% da população) nos estados e no DF



Doses de vacina aplicadas no DF



Doses de vacina aplicadas no DF, por faixa etária

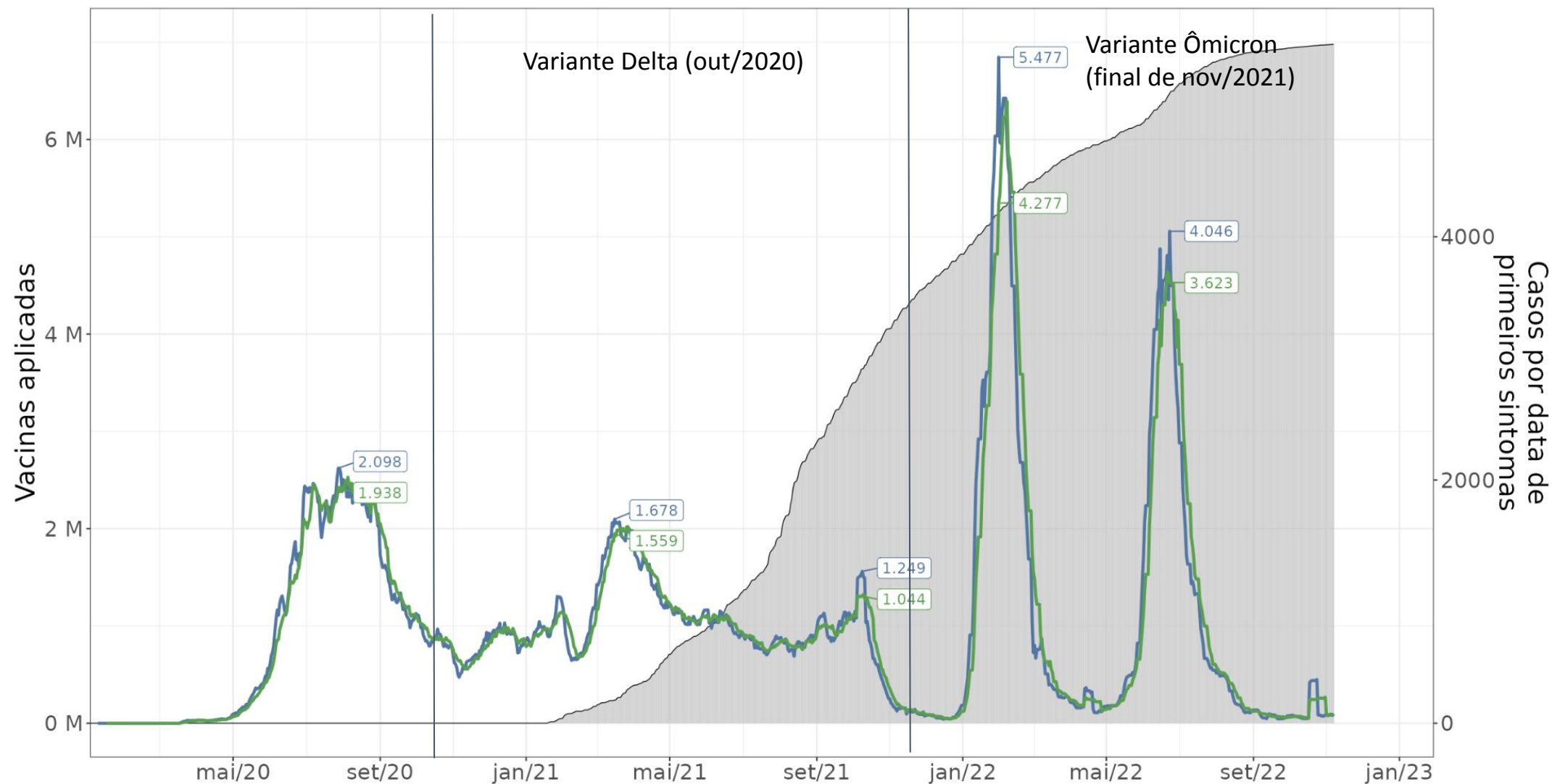


Vacinação no DF, por faixa etária

Faixa etária	População	1ª dose	2ª dose	1ª Dose Reforço	2ª Dose Reforço	Dose Única	%1ª dose em relação a pop**	% 2ª dose em relação a pop**	%1ª dose reforço em relação a pop**	% 2ª dose reforço em relação a pop	% da Pop Imunizada (2ª Dose + Dose Única)
80 anos +	47.672	54.043	49.226	47.701	33.348	17	113,40%	103,30%	100,10%	69,95%	103,30%
75 a 79 anos	43.801	44.195	41.413	39.180	29.980	17	100,90%	94,50%	89,40%	68,45%	94,59%
70 a 74 anos	68.874	62.875	64.695	58.152	45.709	23	91,30%	93,90%	84,40%	66,37%	93,97%
65 a 69 anos	96.270	84.340	88.051	82.198	56.835	37	87,60%	91,50%	85,40%	59,04%	91,50%
60 a 64 anos	127.975	109.627	108.079	96.052	69.733	78	85,70%	84,50%	75,00%	54,49%	84,51%
55 a 59 anos	164.291	92.943	116.456	110.994	71.536	197	56,60%	70,90%	67,50%	43,54%	71,00%
50 a 54 anos	195.146	116.472	138.547	122.029	75.646	292	59,70%	71,00%	62,50%	38,76%	71,15%
45 a 49 anos	231.358	133.778	157.931	130.865	65.204	688	57,80%	68,30%	56,50%	28,18%	68,56%
40 a 44 anos	271.478	152.191	180.364	143.061	68.992	1.527	56,10%	66,40%	52,60%	25,41%	67,00%
35 a 39 anos	277.680	162.420	180.720	130.865	38.448	2.097	58,50%	65,10%	47,10%	13,85%	65,84%
30 a 34 anos	261.933	159.631	175.159	112.932	3.172	952	60,90%	66,90%	43,10%	1,21%	67,24%
25 a 29 anos	257.347	185.649	178.406	102.045	1.788	966	72,10%	69,30%	39,60%	0,69%	69,70%
20 a 24 anos	256.281	198.924	185.189	97.421	1.177	1.310	77,60%	71,50%	38,00%	0,46%	72,77%
18 e 19 anos	96.800	83.744	82.830	42.119	308	475	86,50%	85,60%	43,40%	0,32%	86,06%
12 a 17 anos	258.202	245.680	205.420	66.467	338	24	95,10%	79,50%	25,70%	0,13%	79,57%
5 a 11 anos	268.301	195.149	136.478	17	0	0	72,70%	50,80%	0,00%	0,00%	50,87%
Até 4 anos	206.605	7.426	2.675	0	0	9	3,30%	1,20%	0,00%	0,00%	1,30%
Total	3.130.014	2.554.017	2.408.816	1.489.325	1.489.325	61.033	81,60%	76,96%	47,58%	47,58%	78,91%

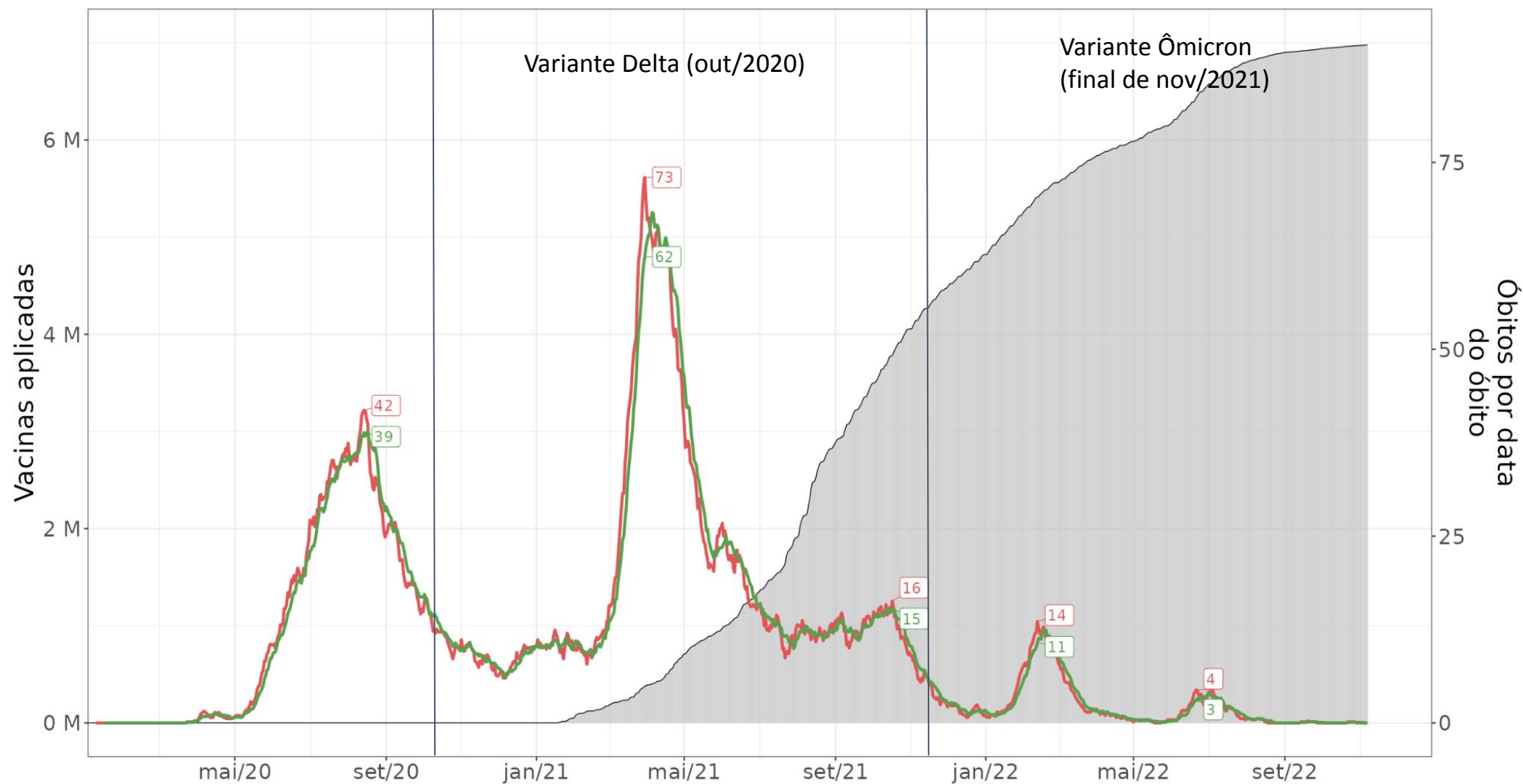
- A vacinação se configurou como uma ferramenta eficaz na redução da mortalidade da doença. A partir de janeiro/2021 a vacinação se inicia no DF. Apesar do aumento de casos após esse início, sobretudo devido ao alto contágio da Variante Ômicron, nota-se que os óbitos não acompanham o número de casos.
- De fato, apesar de a média móvel de casos ter sido cerca de três vezes menor na segunda onda, em comparação com a terceira, o número de óbitos foi praticamente 4 vezes maior. Isso explica, em parte, a diferença de letalidade de 3,2% na segunda onda para 0,25% na terceira.
- Em termos de faixas etárias, nota-se que a evolução dos casos por 100 mil habitantes foi similar para todos os grupos etários, com exceção dos menores de 20 anos. Para os óbitos, destaca-se uma diferença significativa entre as faixas etárias, como explorado anteriormente. As faixas etárias mais avançadas apresentam maior número de óbitos. Com a vacinação, porém, percebe-se uma redução desse nível de óbitos e também uma maior convergência com outras faixas etárias. Uma exceção está na faixa etária superior aos 80 anos, que permanece expressivamente acima dos outros grupos.

Casos e Vacinas Aplicadas no DF



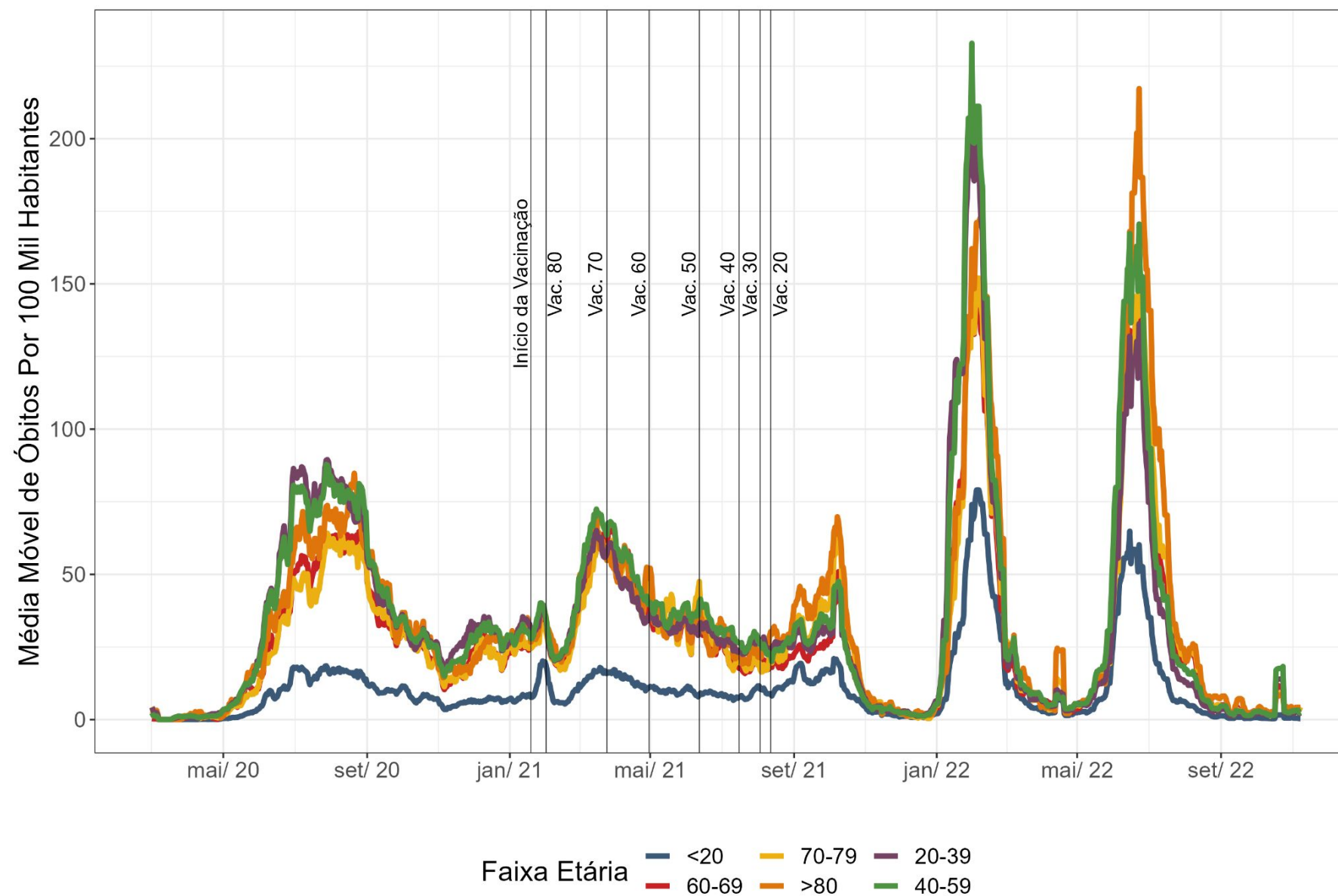
Tipo de média — Média móvel de 7 dias — Média móvel de 14 dias

Óbitos e Vacinas Aplicadas no DF

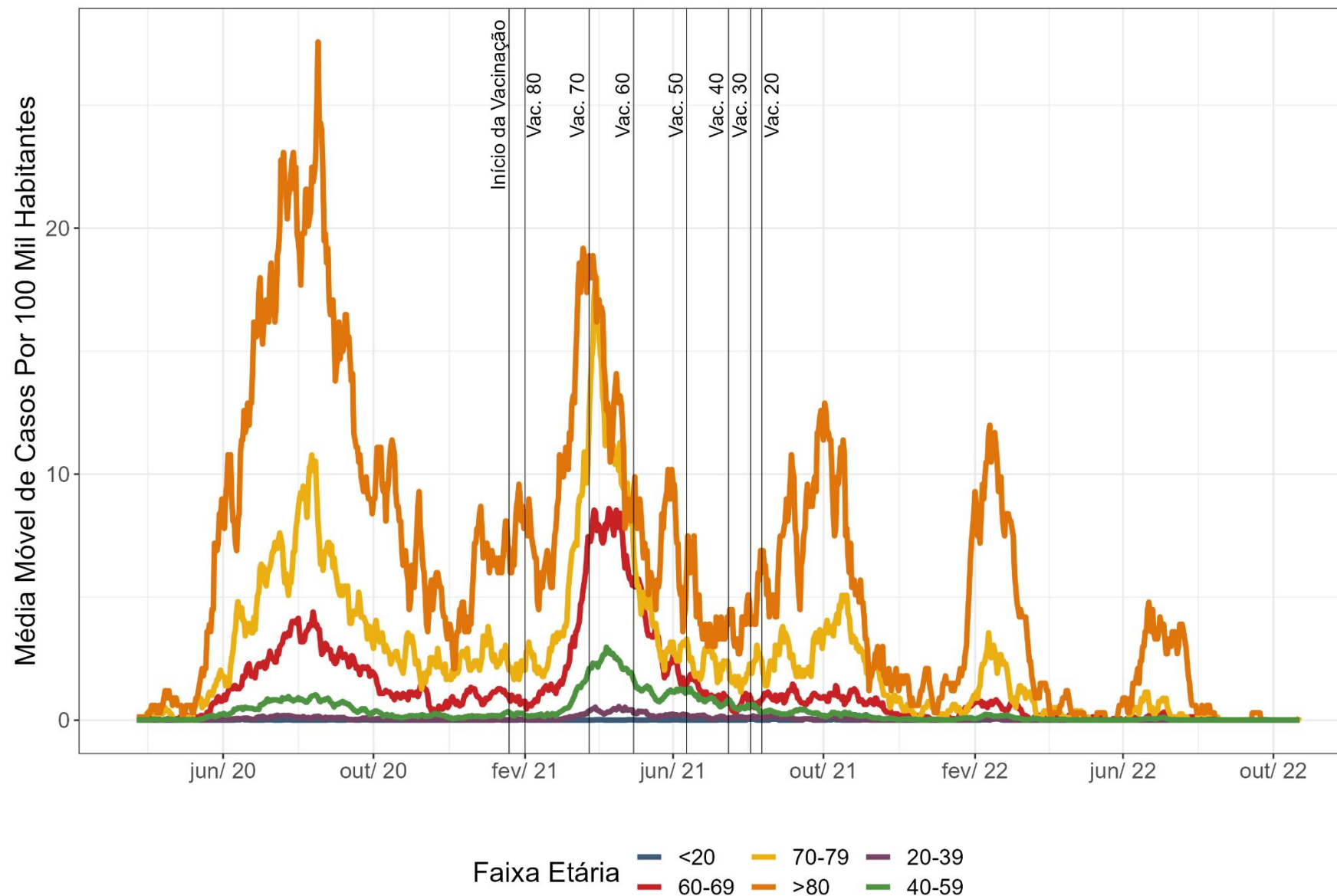


Tipo de média — Média móvel de 7 dias — Média móvel de 14 dias

Média Móvel de Casos por 100 mil Habitantes e Vacinação



Média Móvel de Óbitos por 100 mil Habitantes e Vacinação

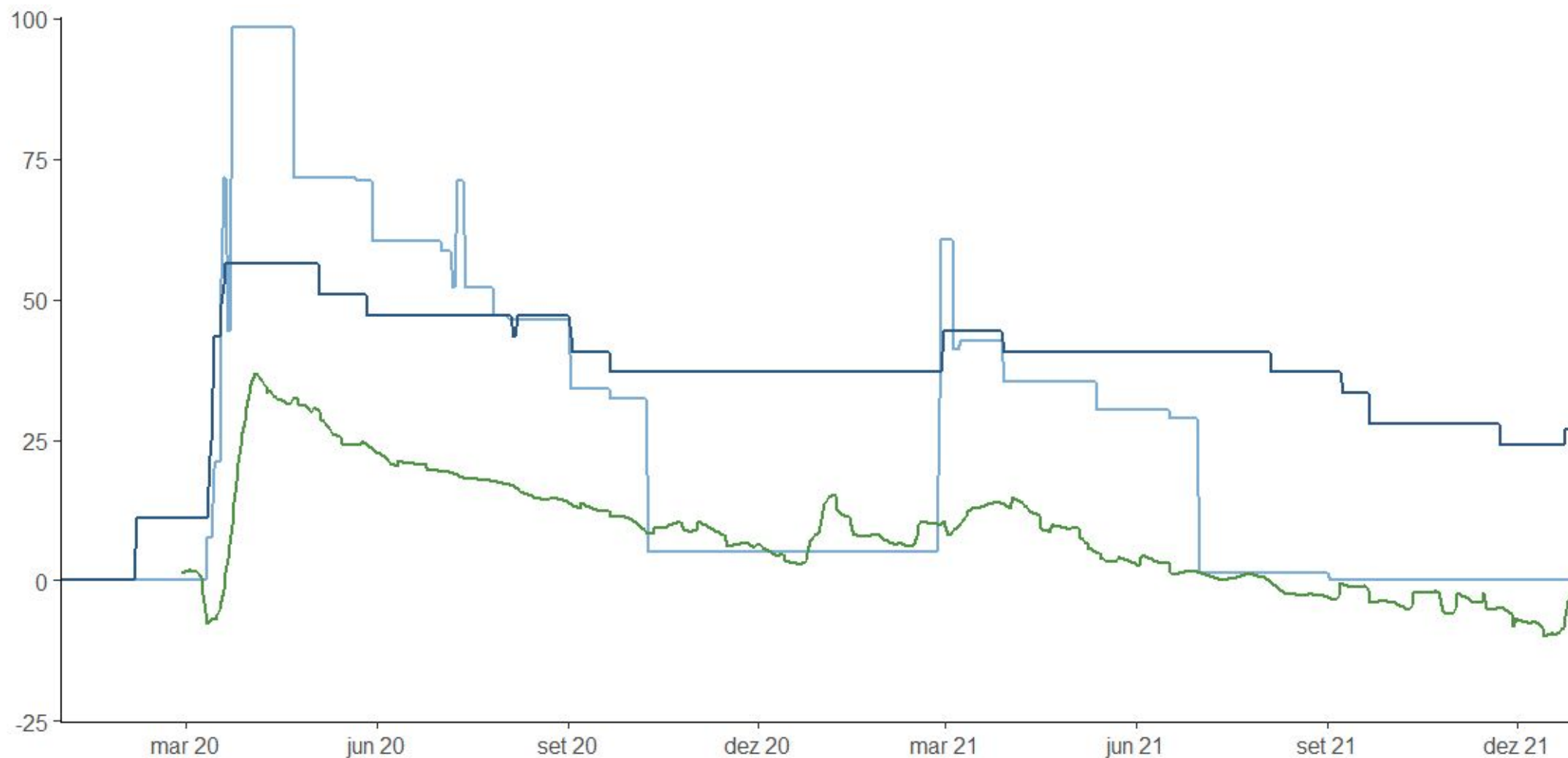


Distanciamentos e Mobilidade

- Uma importante medida de combate à pandemia, além das vacinas, foi o distanciamento social, tanto voluntário quanto o influenciado por meio de decretos de restrição.
- O distanciamento voluntário foi mundialmente implementado, e no Distrito Federal a mensuração do nível de distanciamento no DF foi realizada pelo projeto *Government Response Tracker* da Universidade de Oxford e pelo Índice de Distanciamento Decretado feito pelo IPEDF Codeplan. Ambos os índices buscam traduzir as medidas realizadas em um valor quantitativo que pode ser analisado no tempo.
- O distanciamento involuntário tem sido mensurado pelo uso de dados de georreferenciamento anônimo de aparelhos celulares com a localização habilitada. A empresa Google disponibilizou até outubro de 2022 seis índices de mobilidade para diferentes grupos de localidade.
- Como agregação dos seis índices em um único índice de isolamento, utiliza-se a seguinte metodologia: [SITUAÇÃO DA PANDEMIA DE COVID-19 POR ESTADO](#)

- Os índices de isolamento decretados apresentam tendência semelhante, com a diferença de que o índice de Oxford (Stringency Index) possui menos oscilações do que o Índice de Distanciamento Decretado. Isso ocorre por diferenças metodológicas. Ambos são índices compostos, porém o índice de Oxford considera em seu cálculo caso o governo **recomende** o isolamento, enquanto o índice de distanciamento decretado considera apenas se o governo decreta abertura ou fechamento de atividades presenciais em diferentes setores.
- O isolamento voluntário é medido através de desvios percentuais em relação à média. A média consiste nos valores de referência do que seria a mobilidade “normal”. O valor foi obtido por meio de dados das primeiras semanas de 2020, antes do primeiro caso registrado no DF.
- Os três índices apresentam pico no momento inicial da pandemia, abaixando gradualmente nos próximos meses. Ocorre uma nova elevação nos índices no início de 2021, porém a elevação é menor e mais curta do que a anterior, mesmo com taxas de crescimento de óbitos significativamente maiores.

Índices de isolamento decretados e mobilidade no Distrito Federal



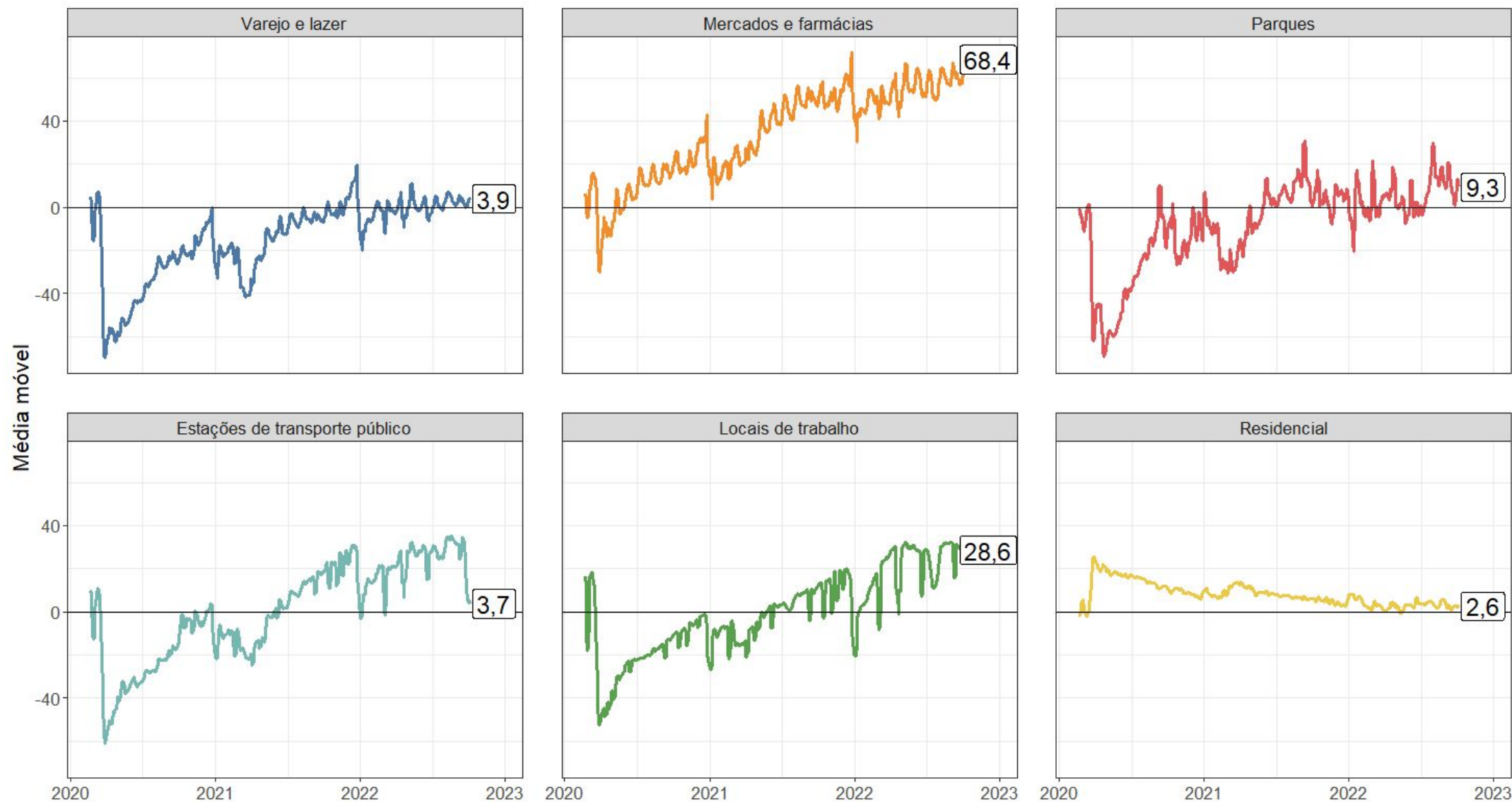
Índice — Índice de Distanciamento Decretado — Isolamento — Stringency Index

Índice de isolamento (média móvel de 14 dias) no Distrito Federal



Elaboração: IPEDF. Fonte: Google Mobility Reports. Índices negativos de X% significam X% menos isolamento do que na data base (mediana de isolamento entre 3 de janeiro e 6 de fevereiro de 2020)

Variação percentual (média móvel) da frequência a locais no Distrito Federal



Legado IPEDF Codeplan

- ➔ Com a urgência e a incerteza geradas pela pandemia ainda em 2020, o IPEDF Codeplan iniciou a série Boletim Covid-19 com o objetivo de informar sobre a situação da pandemia no DF. Esse trabalho envolveu as três diretorias finalísticas do instituto, tendo impacto nas decisões de políticas públicas e aprofundando a divulgação ativa de informações sobre a crise sanitária. O Boletim Covid-19 contou com 130 edições, realizadas semanalmente entre os anos de 2020 e 2022. O último Boletim Covid-19 semanal foi publicado em 11 de outubro de 2022.
- ➔ A produção do boletim não teria sido possível sem a participação ativa da Secretaria de Segurança Pública (SSP) e da Secretaria de Saúde do Distrito Federal, que estabeleceram com o IPEDF Codeplan uma relação de parceria no fornecimento e na divulgação dos dados referentes à crise sanitária.
- ➔ Além do trabalho de acompanhamento da pandemia no DF, as diretorias do IPEDF Codeplan trabalharam na produção de estudos, notas técnicas e textos para discussão sobre temas referentes à crise sanitária. Todos os estudos estão disponíveis em: <https://www.ipe.df.gov.br/publicacoes/>

(61) 3342 - 2222 

www.ipe.df.gov.br 

comunicacao@ipe.df.gov.br 

 **IPEDF**

Instituto de Pesquisa e Estatística do Distrito Federal